

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JUVENTUDES, ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO POPULAR: UM ESTUDO
SOBRE JOVENS DE CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES NA
REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE

Bruno Gaspareto Silva

Porto Alegre, 2023

BRUNO GASPARETO SILVA

Juventudes, ensino de Geografia e educação popular: um estudo sobre jovens de cursinhos pré-vestibulares populares na Região Metropolitana de Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia, no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira

Porto Alegre, setembro de 2023

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Bruno Gaspareto
Juventudes, ensino de Geografia e educação popular:
um estudo sobre jovens de cursinhos pré-vestibulares
populares na Região Metropolitana de Porto Alegre /
Bruno Gaspareto Silva. -- 2023.
86 f.
Orientador: Victor Hugo Nedel Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2023.

1. Juventudes. 2. Educação popular. 3. Ensino de
Geografia. I. Oliveira, Victor Hugo Nedel, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Juventudes, ensino de Geografia e Educação Popular: um estudo sobre jovens de cursinhos pré-vestibulares populares na Região Metropolitana de Porto Alegre

Porto Alegre, 06 de setembro de 2023.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Geociências
Curso de Licenciatura em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira

(Orientador – Presidente da banca)

Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni

(FACED – UFRGS)

Prof. Dr. Breno Viotto Pedrosa

(IGeo – UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Quando meu orientador falou que os agradecimentos eram opcionais, na hora eu pensei o quanto era impossível eu não agradecer a ninguém quando se trata desta etapa da minha vida. Todos que serão citados aqui, minha eterna gratidão! Eu jamais teria conseguido sem vocês!

Para Queli Rosália Gaspareto e Ruy Sarmiento da Silva Júnior, minha mãe e meu pai. Obrigado por tudo! Pela criação, pelo incentivo para os estudos, por bancarem alguns semestres da PUCRS quando eu recebia pouco. Por lá, no ensino médio, insistirem para que eu fosse em todas as aulas. Por não desistirem de mim quando repeti de ano, na sexta série. Por se indignarem quando a professora de português disse que eu não tinha jeito. Pelas outras milhares de situações que eu poderia agradecer, mas que tomaria tempo demais. Muito obrigado!

À Gabriela Gaspareto Christmann, minha irmã. A primeira na família a se formar, a primeira com o objetivo de cursar uma Federal e que me passou este legado. Que me levou para uma aula do cursinho quando eu tinha 12 anos, só para eu acompanhar – mesmo sem entender nada – as aulas de português e física. Por ser esta pessoa que eu me inspirei para chegar até o TCC em uma Universidade Federal, gratidão!

Ao Charles Christmann, meu cunhado. Por me mostrar que pouco importa a idade da formatura. Por me mostrar que é possível, sim, passar em vários concursos. Pela dedicação exemplar que me motivou lá na PUCRS, quando eu peguei uma carona contigo e com a Gabi, já no 3º ano de faculdade e falei que não aguentava mais (imagina se eu soubesse que haveria mais cinco anos e, no meio destes cinco anos, haveria uma pandemia?) e você me colocou pra cima. Muito obrigado!

À Giulia Pereira Fernandez, minha namorada. Mais de quatro anos de relacionamento, sempre me motivando e me inspirando, não apenas com situações do dia a dia, mas também com a dedicação e com a aspiração para ser a melhor em tudo o que faz. Não teria como eu desistir de me formar, em momento algum, com

alguém igual você ao meu lado. Pelas incontáveis vezes que reclamei da minha rotina e você me motivou cada vez mais não apenas com carinho, mas com exemplos práticos. Muito obrigado!

À Júlia Millis, ao Mateus Farias, ao Nicolas Esquirio e ao Pedro Spiess. Obrigado pelos momentos de descontração e, também, por me aguentarem falando sobre a vida. Quem diria, hein? Quase todos formados em universidades de renome! Mesmo que o Nicolas tenha vencido aquela aposta, todos somos vencedores. Muito obrigado!

À Milena Gaspareto Seminotti e ao Arthur Gaspareto da Silva, meus primos que tanto me inspiraram, as primeiras pessoas que me fizeram refletir no quanto eu tinha potencial. Pelas conversas cabeças, pelas idas em livrarias, pelos momentos de risadas e jogos que importaram muito para que chegasse neste momento. Obrigado!

Ao professor Daniel, meu professor de Geografia no ensino médio, que me fez ter interesse no curso apenas pela forma como ele lecionava as aulas. Obrigado!

Aos camaradas Renato, Ricardo, Tamires e Lucas pelas diversas reuniões e conversas politizadas ao longo da nossa trajetória nos últimos cinco anos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira, pela disciplina de MEG II e pelas ajudas quase que diárias ao longo do TCC. Sem você eu não teria conseguido. Obrigado!

RESUMO

A temática das juventudes está sendo cada vez mais debatida dentro da sociedade. Da mesma forma, o debate sobre ensino de Geografia tem extrema importância dentro da comunidade acadêmica. Além disso, a educação popular com foco nos cursinhos pré-vestibulares populares é extremamente importante em sua contribuição para a sociedade. O objetivo geral da pesquisa é analisar a percepção de jovens de cursinhos pré-vestibular populares da RMPA sobre juventude, a educação popular e o ensino da Geografia. Já os objetivos específicos são: conhecer quem são os jovens do PVP participantes da pesquisa, identificar as percepções desses jovens acerca da Educação Popular e do PVP e compreender as relações desses jovens com a Geografia ensinada no PVP e Educação Geográfica. Enquanto justificativas, a atuação do pesquisador ao longo dos últimos anos em cursinhos pré-vestibulares populares, além da ausência de políticas públicas que possam suprir a dificuldade de alunos que fizeram o ensino médio em escolas públicas e que não tem acesso à preparação para os vestibulares por conta do preço dos cursinhos pré-vestibulares tradicionais e a intersecção dos três eixos que se abordou no trabalho. A pesquisa foi realizada através de um referencial teórico sobre os três eixos abordados, além de constar Estado da Arte sobre as últimas pesquisas de TCC publicadas acerca de educação popular. A pesquisa caracterizou-se qualitativa-quantitativa, de natureza exploratória e descritiva. Para chegar nos resultados, foi realizada a aplicação de um questionário para alunos de dois cursinhos pré-vestibulares populares da Região Metropolitana de Porto Alegre, na faixa-etária de 18 a 29 anos. Os principais resultados apontam que os jovens-estudantes têm uma visão ampla sobre juventudes, pelas quais cada respondente relatou diversas percepções. Sobre educação popular, os jovens-sujeitos afirmaram que os principais motivos por estarem matriculados nos PVPs é o horário acessível, além da questão financeira. Sobre ensino de Geografia, a maioria dos(as) jovens tiveram uma percepção de que na Geografia há maior frequência de conteúdos de natureza física. Dessa forma, é possível considerar que os jovens-alunos têm distintas visões sobre cada um dos assuntos abordados nesta pesquisa, mostrando que cada jovem tem diferentes tipos de dificuldades, sejam elas financeiras ou emocionais.

Palavras-chave: Juventudes. Jovens. Educação popular. Ensino de Geografia. Cursinho pré-vestibular popular.

ABSTRACT

The theme of youth is increasingly being debated within society. Likewise, the discussion about Geography education is of utmost importance within the academic community. Additionally, popular education focused on community-driven pre-college entrance exam courses plays an extremely significant role in contributing to society. The general objective of this research is to analyze the perception of young participants from community-driven pre-college entrance exam courses in the Metropolitan Region of Porto Alegre (RMPA) regarding youth, popular education, and the teaching of Geography. The specific objectives are as follows: to get to know the young participants from the community-driven pre-college entrance exam courses, to identify their perceptions of Popular Education and these courses, and to comprehend their relationships with Geography taught in these courses and Geographic Education. The justifications for this research include the researcher's involvement in community-driven pre-college entrance exam courses over the past years and the absence of public policies that could address the difficulties faced by students who completed their high school education in public schools and lack access to preparation for college entrance exams due to the high costs of traditional pre-college entrance exam courses. The intersection of these three topics also forms the basis for this work. The research was conducted using a theoretical framework concerning the three aforementioned topics, and it includes a State of the Art section that addresses the latest published research on Popular Education. The research is characterized as qualitative-quantitative, exploratory, and descriptive in nature. To obtain the results, a questionnaire was administered to students aged 18 to 29 from two community-driven pre-college entrance exam courses in the Metropolitan Region of Porto Alegre. The main results indicate that the young students have a broad view of youth, with each respondent sharing various perceptions. Regarding popular education, the young participants stated that the main reasons for enrolling in these community-driven courses are accessible schedules and financial considerations. Concerning Geography education, the majority of young respondents perceived that the subject focuses more on physical aspects. Thus, it can be considered that the young students have different perspectives on each of the subjects addressed in this research, demonstrating that each individual faces different types of challenges, whether financial or emotional.

Keywords: Youth. Young people. Popular education. Geography education. community-based pre-college course.

RESUMEN

La temática de las juventudes está siendo cada vez más debatida dentro de la sociedad. De igual manera, el debate sobre la enseñanza de Geografía tiene una gran importancia dentro de la comunidad académica. Además, la educación popular enfocada en los cursos preuniversitarios populares es extremadamente importante en su contribución a la sociedad. El objetivo general de la investigación es analizar la percepción de los jóvenes participantes de cursos preuniversitarios populares de la RMPA sobre la juventud, la educación popular y la enseñanza de Geografía. Los objetivos específicos son: conocer quiénes son los jóvenes del PVP que participan en la investigación, identificar las percepciones de estos jóvenes sobre la Educación Popular y el PVP, y comprender las relaciones de estos jóvenes con la Geografía enseñada en el PVP y la Educación Geográfica. Como justificaciones, se menciona la actuación del investigador a lo largo de los últimos años en cursinhos pré-vestibulares populares, así como la ausencia de políticas públicas que puedan suplir la dificultad de los alumnos que cursaron la enseñanza media en escuelas públicas y que no tienen acceso a la preparación para los exámenes de ingreso a la universidad debido al costo de los cursinhos pré-vestibulares tradicionales y la intersección de los tres ejes que se abordaron en el trabajo. La investigación se llevó a cabo mediante un marco teórico sobre los tres ejes mencionados, además de incluir el Estado del Arte sobre las últimas investigaciones de TCC publicadas sobre Educación Popular. La investigación se caracteriza como cualitativa-cuantitativa, de naturaleza exploratoria y descriptiva. Para obtener los resultados, se aplicó un cuestionario a estudiantes de dos cursos preuniversitarios populares de la Región Metropolitana de Porto Alegre, en el rango de edad de 18 a 29 años. Los principales resultados indican que los jóvenes-estudiantes tienen una visión amplia sobre las juventudes, donde cada encuestado compartió diversas percepciones. En cuanto a la educación popular, los jóvenes sujetos afirmaron que los principales motivos para estar matriculados en los PVP son el horario accesible, además de la cuestión financiera. Respecto a la enseñanza de Geografía, la mayoría de los jóvenes tuvieron la percepción de que en la Geografía hay una mayor frecuencia de contenidos de naturaleza física. De esta manera, es posible considerar que los jóvenes-alumnos tienen distintas visiones sobre cada uno de los temas abordados en esta investigación, lo que demuestra que cada joven enfrenta diferentes tipos de dificultades, ya sean financieras o emocionales.

Palabras clave: Juventudes. Jóvenes. Educación popular. Enseñanza de Geografía. Cursos preuniversitarios populares.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Correlação entre objetivos específicos, referencial teórico e partes do questionário.....	37
Gráfico 1. Idade dos participantes.....	38
Gráfico 2: Gênero.....	39
Gráfico 3: Você trabalha?.....	40
Figura 1: Para você, o que é ser jovem?.....	42
Gráfico 4: Questões financeiras.....	45
Gráfico 5: Questões emocionais.....	47
Gráfico 6: Questões de acesso à educação e trabalho.....	48
Figura 2: O que é educação popular?.....	50
Figura 3: O que o curso popular que você participa representa em sua vida?.....	52
Gráfico 7: Iniciativas como a de um cursinho gratuito promovem transformações na sociedade.....	54
Figura 4: Cite três principais fatores que fizeram você escolher participar de um curso popular.....	56
Figura 5: Para você, o que é Geografia?.....	59
Gráfico 8: A Geografia contribui para uma melhor compreensão da sociedade.....	61
Figura 6: Que aula de Geografia no Cursinho foi mais interessante? Descreva-a resumidamente.....	62
Figura 7: Você percebe diferenças entre o ensino de Geografia que teve em sua escola e do ensino de Geografia que está tendo no cursinho? Por quê?.....	64
Figura 8: A Geografia é uma disciplina importante para entender questões globais, como o motivo das guerras e as desigualdades sociais. Você concorda com essa afirmação? Por quê?.....	65

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Para você, o que é ser jovem?.....	42
Figura 2: O que é educação popular?.....	50
Figura 3: O que o curso popular que você participa representa em sua vida?	52
Figura 4: Cite três principais fatores que fizeram você escolher participar de um curso popular.....	56
Figura 5: Para você, o que é Geografia?.....	59
Figura 6: Que aula de Geografia no Cursinho foi mais interessante? Descreva-a resumidamente.	62
Figura 7: Você percebe diferenças entre o ensino de Geografia que teve em sua escola e do ensino de Geografia que está tendo no cursinho? Por quê?	64
Figura 8: A Geografia é uma disciplina importante para entender questões globais, como o motivo das guerras e as desigualdades sociais. Você concorda com essa afirmação? Por quê?	65

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Idade dos participante.....	38
Gráfico 2: Gênero.....	39
Gráfico 3: Você trabalha?.....	40
Gráfico 4: Questões financeiras.....	45
Gráfico 5: Questões emocionais.....	47
Gráfico 6: Questões de acesso à educação e trabalho.....	48
Gráfico 7: Iniciativas como a de um cursinho gratuito promovem transformações na sociedade.....	54
Gráfico 8: A Geografia contribui para uma melhor compreensão da sociedade.....	61

ÍNDICE DE SIGLAS

RMPA = Região Metropolitana de Porto Alegre

PVP = Pré-vestibular Popular.

PVPs = Pré-vestibulares Populares.

EF = Ensino Fundamental

EM = Ensino Médio

ENEM = Exame Nacional de Ensino Médio

ABNT = Associação Brasileira de Normas Técnicas

IES = Instituição de Ensino Superior

ERE = Ensino Remoto Emergencial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1 JUVENTUDES.....	20
2.2 EDUCAÇÃO POPULAR.....	23
2.4 BREVE ESTADO DA ARTE.....	28
3. METODOLOGIA.....	33
3.1 CARACTERIZAÇÃO BÁSICA.....	33
3.2 CENÁRIO DA PESQUISA.....	34
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	34
3.4 PROCEDIMENTO PARA COLETA DOS DADOS: QUESTIONÁRIO.....	35
3.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	35
3.6 CUIDADOS ÉTICOS.....	36
3.7 QUADRO RELACIONANDO OBJETIVOS — REFERENCIAL TEÓRICO — METODOLOGIA.....	37
4. RESULTADOS.....	38
4.1 QUEM SÃO OS JOVENS DA PESQUISA.....	38
4.2 SOBRE JUVENTUDES.....	42
4.3 SOBRE JOVENS E EDUCAÇÃO POPULAR.....	49
4.4 SOBRE JOVENS E ENSINO DE GEOGRAFIA.....	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO.....	81
APÊNDICE B — Termo de Anuência para a realização de Pesquisa Científica.....	85
APÊNDICE C — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	87

1. INTRODUÇÃO

A construção de um professor de Geografia¹ ao longo da graduação é composta por diversos pontos, dentre os quais entendemos como cruciais: as Juventudes, que é o ponto base para identificar e compreender os sujeitos com quem iremos trabalhar ao longo da carreira enquanto docentes, lecionando em especial para os anos finais do EF e para o EM. Conforme Dayrell (2007), a juventude pode ser vista como uma ponta de iceberg, no qual os diferentes modos de ser jovem expressam mutações significativas nas formas como a sociedade “produz” os indivíduos. Dessa forma, estudar as juventudes e as diferentes formas de viver a juventude não só é um serviço acadêmico essencial, como também é necessário para compreender situações que vivenciaremos em breve, enquanto docentes, na sala de aula.

A educação popular que, por intermédio dos cursinhos pré-vestibulares populares, ambiente no qual alguns alunos de licenciatura iniciam sua carreira docente, é um local no qual somos confrontados com a realidade assim que entramos na sala de aula pela primeira vez. A noção de educação popular traz em si a necessidade de revisão do sentido da própria educação. Poderíamos citar diversas experiências que nos fazem concordar com essa afirmação, mas traremos apenas de uma: lembro-me vividamente da minha primeira experiência em um PVP, ainda no quarto semestre da faculdade (2018). O cursinho acontecia em uma sala pequena, na qual trinta alunos estavam espremidos em cadeiras de plástico que não tinham apoio para os braços, em um sábado pela manhã. Naquela ocasião, uma das alunas era uma mulher com uma criança no colo, que participava ativamente da aula e demonstrava grande interesse, mesmo diante dessa situação. Sete meses depois, chegou o resultado desse empenho: uma bolsa integral em Direito em uma universidade privada. Fatos como esse me fizeram escolher trazer essa temática para o meu TCC.

E, por fim, o ensino da Geografia, espaço no qual aprendemos tantas vezes as mais diversas maneiras de lecionar a ciência que estudamos. Cabe ressaltar que

¹ Nesta pesquisa, a palavra Geografia iniciará com letra maiúscula, em respeito à ciência de formação do autor.

o ensino da Geografia é completamente amplo, e, por conta disso, é incabível defini-la; afinal, tudo conta para que consigamos compreender a forma correta de se ensinar de acordo com o lugar onde cada situação docente está situada. Nesta presente pesquisa, vamos falar sobre Geografia acadêmica e Geografia escolar, e trataremos intersecções entre as duas.

Além dos eixos referenciados, a pesquisa traz outros dois pontos: investiga outros TCCs que trabalharam, também, com temática de PVPs no recorte temporal dos últimos três anos e meio (2020-2023), a fim de alimentar, com os resultados das pesquisas averiguadas, o debate sobre os temas que proponho trabalhar ao longo da pesquisa; e, para finalizar, o trabalho questiona alunos jovens de dois cursinhos pré-vestibulares populares, através de um questionário, suas percepções acerca dos três eixos acima citados: juventude, educação popular e ensino da Geografia.

Para a compreensão da minha trajetória para chegar até o final do curso de Licenciatura em Geografia na UFRGS, vou apresentar um pouco do meu caminho até aqui. Sou oriundo de uma família de classe média baixa. Meus pais não têm ensino superior e minha irmã foi a primeira a se formar em um curso superior na família, com muito suor. Minha infância foi ótima, estive sempre rodeado pela minha família. Meus pais sempre foram o meu suporte, orientando-me e ajudando no cotidiano e, apesar das dificuldades financeiras, nunca me deixaram faltar nada. Estudei em escola pública a minha vida inteira, com exceção de dois anos do meu ensino fundamental, quando fui bolsista de uma escola privada.

Estudei meu ensino médio na Escola Municipal de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, em Gravataí, onde morei a minha vida inteira. Lá, através de aulas com o professor Daniel, descobri o meu fascínio pela Geografia, ciência na qual, hoje, busco me formar. Retornei à escola onde tanto fui feliz no meu ensino médio em duas oportunidades, posteriormente: uma enquanto professor de um PVP, e outra enquanto estagiário, auxiliando alunos com deficiência.

Minha trajetória no mundo do trabalho começou cedo, enquanto ainda estava no ensino médio. Aos 15 anos, tive o meu primeiro emprego, em uma gráfica situada em Cachoeirinha. Trabalho, de forma voluntária, como professor e coordenador de PVPs há mais de seis anos, onde tive o maior contato com a sala de aula, apesar de

já ter estagiado, em três oportunidades, em escolas da Região Metropolitana de Porto Alegre. Hoje, aos 26 anos, sou funcionário de uma instituição financeira no período de oito horas por dia, turno integral, e trabalho com Inteligência Artificial.

A minha trajetória acadêmica também tem sido, de certa forma, extensa. Formei-me no ensino médio em 2014. Em 2015, fiz um semestre de educação física na Ulbra Canoas, na primeira parte do ano, e, na segunda, participei de dois cursos pré-vestibulares: um popular, onde tive meu primeiro contato com a educação popular, e outro privado, no qual fiquei até o final daquele ano. Em 2016, passei em Geografia na Universidade Federal de Pelotas, fiz dois semestres e migrei para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, instituição na qual fiz três semestres. No segundo semestre de 2018, eu tranquei o curso por não ter mais dinheiro para subsidiar as despesas. Uma semana depois do trancamento, como se fosse planejado por algum roteirista de cinema famoso, fui chamado para iniciar um grande sonho da minha adolescência e que, por conta dos diversos percalços ao longo da minha vida, cheguei a pensar que não conseguiria atingir: estudar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde então, aqui estou, e, agora, a um passo da formatura.

A minha justificativa pessoal para o presente trabalho, que aborda os três eixos citados anteriormente, é a unificação do que trabalhei ao longo de toda minha vida enquanto graduando em Geografia. Trabalhei com jovens nos PVPs, trabalhei com ensino de Geografia em sala de aula e trabalho, como escrito anteriormente, com educação popular, área a qual nunca quero deixar de servir. Por isso, eu enxergo que esse é o lugar onde eu tenho maior espaço e propriedade para estudar e divagar. Vejo como extremamente necessário o estudo das juventudes, da educação popular e do ensino da Geografia, principalmente para que possamos, com uma visão mais teórica, estabelecer qual é a visão dos jovens-alunos sobre as perguntas abordadas no questionário.

No âmbito acadêmico, compreendo que são três eixos convergentes e fundamentais para a construção de um professor de Geografia, até porque a formação de um professor passará pelo ensino da Geografia e pelos jovens-alunos, além de que boa parte dos estudantes de cursos de licenciatura tem contato, ao longo da graduação, com a educação popular. De acordo com Serrano (2020, p. 27),

“há uma preocupação em captar, sistematizar e produzir dados quantitativos às análises qualitativas sobre contexto (e contextos específicos) dos cursinhos populares e seus/suas participantes”. Dessa forma, os cursinhos nos quais aplicamos o questionário são de extrema importância para a compreensão da visão desses jovens-alunos sobre o ensino da Geografia e a educação popular.

Já no aspecto social, é notório que, no Brasil, há diversos problemas com relação ao acesso à educação para jovens-alunos que saem do ensino médio. Apenas uma parcela da população tem condições financeiras de se preparar para o ENEM e para os vestibulares que proporcionam cursos superiores gratuitos, uma vez que os cursinhos pré-vestibulares privados tem um custo elevado. Realizar pesquisas com jovens-alunos de PVPs é de suma importância, principalmente tendo em vista que se trata de uma parcela da população que batalha diariamente para entrar em um curso superior, atropelando as adversidades impostas pela sociedade e pelo próprio país, que ignora a situação desses jovens, os quais precisam recorrer aos PVPs, por não haver outro método público de preparação.

A partir do trabalho, estabeleço como questão central deste estudo a seguinte problemática de pesquisa: **“Como jovens de cursinhos pré-vestibulares populares da RMPA percebem a juventude, a educação popular e o ensino da Geografia?”**.

O objetivo geral da pesquisa é:

Analisar a percepção de jovens de cursinhos pré-vestibulares populares da RMPA sobre juventude, a educação popular e o ensino da Geografia.

Já os objetivos específicos são:

- a) conhecer quem são os jovens do PVP participantes da pesquisa;
- b) identificar as percepções desses jovens acerca da educação popular e do PVP;
- c) compreender as relações desses jovens com a Geografia ensinada no PVP e Educação Geográfica.

A estrutura do trabalho se encontra organizada em três partes: a primeira, na qual trazemos o referencial teórico, que aborda os três eixos da pesquisa

(Juventudes, Educação Popular, Ensino de Geografia) e o Estado da Arte, em que realizamos um resumo dos três TCCs publicados sobre educação popular de 2020 até 2023. Na segunda parte, explicamos a metodologia, apresentando os objetivos, espaço e público da pesquisa, procedimentos de coleta e análise de dados. E, por último, são apresentados, na terceira parte do trabalho, os seus resultados e as discussões de acordo com a aplicação do questionário.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 JUVENTUDES

Na Geografia, o estudo da juventude tem se tornado cada vez mais relevante (Oliveira, 2023), principalmente por reconhecer a importância da realidade espacial das experiências, trajetórias e vivências de cada jovem. O estudo no campo da juventude, na Geografia, proporciona uma perspectiva exclusiva para analisar não só como os jovens se relacionam com o espaço (como eles ocupam, vivenciam e transformam os lugares em que vivem), mas também para abordar as mais diferentes vivências e as dificuldades que as juventudes periféricas têm a mais do que as juventudes com maior poder aquisitivo.

Uma das áreas de pesquisa na Geografia da juventude se concentra, principalmente, nas experiências dos jovens residentes de áreas rurais e periféricas. Compreender como eles vivem nesses contextos, como eles enfrentam desafios como a falta de acesso a serviços (internet, principalmente) e oportunidades, e como eles se envolvem em processos de resistência e transformação desses espaços, é fundamental para uma análise abrangente da juventude. A realidade é que, hoje, o jovem é tratado como mercadoria pela elevada audiência que a eles é destinada nas rádios, emissoras de televisão, internet ou, até mesmo, propagandas dos mais diversos produtos. A grande contradição é que são diversos os alertas em relação aos perigos da juventude, porém pouco se faz estudos que, de fato, nos ajudem a compreender as experiências, os pensamentos, a territorialidade e outros fatores que compõem as juventudes contemporâneas. Vimos em outros momentos que, por exemplo, são poucas as pesquisas realizadas em relação às Juventudes. Durante a década de 2010 a 2019, foram apenas 10 trabalhos publicados, conforme nossos achados a partir de uma seleção no banco de dados do sistema Qualis da CAPES. Além disso, as três revistas analisadas são da Região Sul do Brasil (Oliveira, 2021).

São diversos os fatores que compõem a juventude: a cidade, o campo, a política, a diversidade, a religião, a economia e a escola. Neste trabalho, abordaremos um pouco sobre a relação da Juventude com o trabalho, uma vez que esse recorte está completamente ligado à temática desta pesquisa. O trabalho, que, para muitos jovens de classe média, são optativos e se tornam obrigatórios apenas

por pressão social a partir do EM, para os jovens da periferia, é uma realidade e uma obrigação desde o ensino fundamental, justamente pela desigualdade social que afeta, também, as escolas públicas. Ademais, todos sabem das dificuldades que todos os jovens têm durante o ensino médio, e logo após finalizá-lo, para se inserir no mercado de trabalho. Além disso, de acordo com o Art. 14 do Estatuto da Juventude (Brasil, 2013, n.p.): “O jovem tem direito à profissionalização, ao trabalho e à renda, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social.”. Mesmo que legalmente seja um direito a todos os jovens, é difícil que eles consigam estudar e trabalhar e, quando conseguem, existe a necessidade de modificar as aulas para o turno noturno. Além disso, quando eles conseguem algum trabalho, a remuneração é baixa: programas como o Jovem Aprendiz, por exemplo, têm média salarial de R\$1.250,00 por mês, variando entre R\$245,00 e R\$3.575,00 (Glassdoor, 2019). Isso significa que os jovens que participam dos programas de Jovem Aprendiz, além de precisarem modificar toda a sua vida em prol desse trabalho, precisam lidar com o fato de que ganharão menos de um salário mínimo, no Brasil. Dessa forma, é importante, para compreender as relações da juventude com o trabalho, perceber que há uma precariedade latente, em diversos sentidos, na vida dos jovens trabalhadores e que dificultam completamente a sua rotina, principalmente de quem mora em regiões periféricas.

Dito isso, precisamos destacar novamente que não temos como classificar as juventudes em uma só, no singular. As juventudes são plurais, múltiplas e com diversos nichos. Não conseguimos estabelecer o mesmo critério de avaliação de um jovem que reside na periferia e de um jovem que reside em um bairro nobre, por exemplo. O que podemos dizer é que há, sim, algumas questões em comum entre todas essas juventudes. Um dos pontos é a profundidade da atuação política por parte dos jovens. Hoje, há maior participação das juventudes no cenário político brasileiro, latino-americano e mundial. Podemos usar exemplos como a primavera árabe, ocorrida no Egito, em 2010, e os movimentos como o “Ele Não”, no Brasil, em 2018, que foi puxado por mulheres e, na sua grande maioria, mulheres jovens, além de outros diversos movimentos políticos ao longo dos últimos anos.

O que há de comum em todas elas? Por uma parte, a trajetória dos estudos em juventudes que é convergente, a qual tem a ver com um contexto político de revoluções por revoluções no neoliberalismo e a tentativa falha de criar um estado de bem-estar na América Latina, o que é comum a quase todos os países, as ditaduras e as tentativas de criar uma democracia mais ou menos participativa (Pampols, 2018, p. 318)

Outro ponto é que, ao se pensar jovens como um corpo-território, agrega-se o movimento, ele é móvel; nas sociabilidades, o corpo-território jovem se movimenta em bando. “O corpo e suas manifestações, os espaços em que frequentam e seus interesses, faz com que os jovens se organizem em grupos e criem seus próprios territórios nos espaços da cidade.” (Fernandes, 2023, p. 60). Um grande exemplo, tratando-se de corpo-território e grupos de jovens, é a complexidade de cada um dos grupos. Afinal, cada grupo tem a sua territorialidade, seja ela pública (ruas, praças, bares) ou privada (casa de algum dos jovens). Existem infinitas possibilidades e horizontes que não nos permitem avaliar as juventudes como um padrão, mas sim como diversidade e peculiaridades que a Geografia deve abordar e compreender.

Nas escolas, também há uma similaridade dentro das juventudes contemporâneas. Podemos citar o crescimento de reivindicações de movimentos importantes na sociedade, como o feminismo, antirracismo e o apoio à comunidade LGBTQIAPN+, além de cada vez mais incluírem os alunos com deficiência nas salas de aula. De qualquer forma, em um momento delicado como o que passamos hoje, com o crescimento da extrema-direita (Severo, 2022), é extremamente necessário que sejam realizadas cada vez mais pesquisas e trabalhos práticos com o intuito de analisar as referências políticas das juventudes, não só para que cada vez mais as minorias se sintam incluídas, mas para que também as juventudes tenham mais espaço para reivindicar os seus direitos.

Dessa forma, o estudo das juventudes na Geografia se dá por adentrar não apenas no cotidiano propriamente dito, mas também as territorialidades, e como elas impactam na vida dos jovens da periferia, considerando as dimensões urbanas, rurais, de gênero, entre outras diversas questões latentes. Objetivamente, a Geografia compreende as relações entre os jovens e o espaço e estuda os diferentes grupos de jovens dentro de um país, de um estado ou até mesmo município, que podem abranger os mais diversos territórios.

2.2 EDUCAÇÃO POPULAR

Na história da educação brasileira, cada vez mais é notório o quanto a educação é um reflexo do que já sabemos no atual contexto social e econômico: desigualdade e falta de infraestrutura em um sistema público que deveria ser para todos, mas é precário. Diante desse cenário, ao longo dos anos, surgiu a necessidade de encontrar soluções para tamanho descaso público. Nesse contexto, surgiram os cursinhos pré-vestibulares populares (Carvalho, 2013, p. 73).

A realidade é que os jovens de baixa renda que saem do EM precisam optar entre duas opções que se apresentam. Uma delas é pagar uma mensalidade alta e fazer um curso pré-vestibular. A outra, é adentrar o mercado de trabalho sem começar um curso superior. Acontece que se inserem na segunda opção os alunos que têm menos poder aquisitivo e, a longo prazo, esses alunos acabam se tornando mais indivíduos da estatística de pessoas que não cursaram ensino superior no Brasil: apenas 19,2% da população do país tem ensino superior (IBGE, 2022). Isso ocorre por diversos problemas, mas o principal é a qualidade do ensino nas escolas públicas. Sabemos que o nível de cobrança das provas do ENEM e dos vestibulares de IES é altíssimo e, em muitos casos, não condizem com o preparo que esses jovens tiveram ao longo do ensino fundamental e médio, obrigando quem quer fazer ensino superior a realizar um curso preparatório que, nesse caso, significa um investimento muito elevado.

Além disso, ocorre o que Pereira (2007) define como a “indústria dos cursinhos”, quando instituições privadas de cursinhos pré-vestibulares passam a oferecer, também, ensino médio. Afinal, o vestibular é unificado, em 1971, com o pressuposto de que as provas abordariam todos os conteúdos trabalhados dentro do Ensino Médio, porém o que ocorre é exatamente o oposto: as escolas privadas acabam adaptando seu currículo de acordo com as exigências da prova, gerando, assim, uma vantagem para alunos de instituições privadas, que também fazem cursinhos pré-vestibulares privados.

A conquista por uma vaga numa instituição de ensino superior (IES) pública – federal ou estadual – fica praticamente inalcançável para aqueles que não tiveram acesso aos recursos educacionais, familiares, afetivos e emocionais suficientes para vencer a disputa. Dessa forma, devido ao contexto socioeconômico que oprime boa parte da população, ao sucateamento da

escola pública que atua decisivamente para a diminuição da qualidade do ensino ofertado e à necessidade permanente de qualificação que o mercado de trabalho exige, configura-se um descompasso entre a excelência das IES públicas e a sua disponibilidade de estar aberta àqueles que mais precisam de seu serviço [...]. (Pereira; Raizer; Meirelles, 2010, p. 87)

Nesse contexto, surgem os cursos populares, como uma alternativa – que deveria ser proporcionada pelo Estado – para não apenas preparar esses jovens para os exames de admissão às universidades, mas também proporcionar a eles consciência de classe para que possam ter mais autonomia, participação política e cidadã (Carvalho, 2013, p. 74). Traçando um breve histórico, essa necessidade não vem de hoje. Os Cursinhos Pré-Vestibulares Populares surgiram no Brasil em meados dos anos 40.

Os Cursinhos Pré-Vestibulares surgem no Brasil em meados dos anos de 1940, em um momento marcado por pressões sobre as Universidades diante da escassez de vagas para satisfazer à demanda existente para o ensino superior público. Esta crescera em função da expansão das matrículas em instituições públicas de ensino básico e médio, impulsionadas pelo reconhecimento, por parte da Constituição de 1946, do direito à educação básica para todos os cidadãos [...] (Castro, 2005, p. 20).

Ou seja, desde os anos 1940, o Brasil já sofria com falta de vagas e dificuldade de acesso de pessoas com baixa renda ao ensino superior. Já se passaram mais de 80 anos e o problema persiste exatamente da mesma forma: afetando, principalmente, os mais pobres. No Manifesto Comunista, Marx e Engels (1848, p. 40) definem que a história de toda a sociedade, até hoje, é a história da lutas de classes. Nesse contexto, a forma como a escola atual se coloca representa um instrumento de hegemonia das classes dominantes (Vieira, 2019, p. 4). Dessa forma, não é errado afirmar que a educação popular se posiciona na sociedade como uma crítica ao sistema capitalista como é atualmente, hegemônico e opressor. Em suma, a educação popular se baseia na premissa de que o conhecimento é construído coletivamente, levando em consideração as experiências e saberes dos estudantes, e os Cursinhos Populares surgiram como uma resposta às barreiras impostas pela própria educação, buscando oferecer oportunidades de preparação para o ensino superior aos estudantes de camadas populares.

No contexto da Região Metropolitana de Porto Alegre, atualmente, há cerca de 15 Cursinhos Pré-vestibulares Populares ativos, todos com o intuito de aprovação de pessoas de camadas populares na universidade. Na sua grande maioria, esses

cursinhos pré-vestibulares populares são integrados por estudantes de diversos cursos, até mesmo de alguns que não fazem parte da licenciatura e, salvo algumas exceções, os integrantes não são remunerados. Ou seja, em grande parte dos pré-vestibulares populares, ninguém recebe salário: muitos professores e coordenadores trabalham apenas através da ideia de conscientização dos alunos e, também, para conseguir experiência profissional, uma vez que as escolas exigem o diploma para a grande maioria dos trabalhos e os estágios não-obrigatórios no mercado têm uma remuneração baixa e não são exatamente para a docência.

Os organizadores e participantes dos PVPs, via de regra, são estudantes universitários que, conscientes de seu papel na universidade/sociedade, buscam organizar cursinhos que dêem conta de interferir na demanda dos segmentos populares excluídos do acesso ao ES. Contudo, conforme indicado por Santos (1995b), existe uma grande pluralidade de visões dentro do cursinho e nem todos os seus colaboradores são conscientes e politizados, inclusive muitos estudantes começam a dar aulas nos PVPs com objetivos que fogem da democratização do acesso ao ES ou da militância por um mundo menos desigual e injusto. Nesse ponto, se destacam os professores que visam apenas experiência em sala de aula e aqueles que, mesmo sendo apenas uma ajuda de custo, realizam o trabalho, diante da falta de outras oportunidades. (Pereira, 2007, p. 57)

Dito isso, a educação popular, mesmo que em um mundo ideal não devesse existir, acabou se tornando extremamente necessária no Brasil todo para aprovar alunos de baixa renda no vestibular, justamente por ser a única opção desses alunos. A realidade socioeconômica desigual do país impõe barreiras significativas aos estudantes menos privilegiados, dificultando seu acesso à educação de qualidade e, conseqüentemente, ao sucesso no vestibular.

2.3 ENSINO DA GEOGRAFIA

Desde o primeiro momento em que entramos no curso de Licenciatura em Geografia em qualquer Universidade – digo “qualquer Universidade” porque já estive cursando Geografia na UFRGS, na UFPEL e na PUCRS –, há um debate sobre o ensino da Geografia muito latente: a Geografia acadêmica dialogando com a Geografia escolar. Há uma relação entre os dois campos.

Por muito tempo, a Geografia acadêmica foi considerada a única forma de construção de conhecimento, e a Geografia escolar apenas aplicava, de forma simplificada, o que era compreendido dentro da universidade e dos campos de aprendizado (Callai, 2011). O impacto desse pensamento é que, até os dias de hoje, para muitos, a escola passa a não ser reconhecida como um território, no qual há construção de conhecimento e onde os professores podem relatar as dores que encontram no cotidiano. Pelo contrário: alguns professores universitários acabam propondo uma ideia de currículo, por exemplo, e o professor da educação básica tem que seguir aquela ideia que, por muitas vezes, não condiz com a realidade da escola e dos alunos que a constituem. Ou seja, dessa forma, há uma certa separação entre execução – professores da educação básica em sala de aula sendo apenas técnicos – e planejamento – professores universitários propondo o currículo, sendo teóricos – transformando a Geografia escolar em tributária da Geografia acadêmica.

Mas no começo do texto foi falado sobre um diálogo entre as duas Geografias, e, por isso, vamos falar sobre ele. Esse diálogo é necessário. A Geografia escolar é extremamente importante, afinal, apenas o conhecimento acadêmico de questões físicas dentro da universidade é importante, porém não é suficiente. Reconhecendo tudo isso, a grande maioria das universidades do Brasil adotaram a prática de disciplinas de Estágio, justamente para que os alunos tenham experiências, ainda na universidade, e com o auxílio de professores orientadores (Cacete, 2015). A própria UFRGS é um exemplo disso: dentro do curso de Geografia, temos 4 disciplinas de estágio, e alguns professores defendem que ainda é pouco: o tempo deveria ser maior e o campo de atuação dos alunos, também. Portanto, a escola é um território e constrói conhecimento diariamente, de forma a se adaptar às dificuldades diárias dos alunos e também dos próprios professores.

Toda essa questão que foi trazida sobre Geografia escolar e acadêmica é para dimensionar a importância do ensino da Geografia nas escolas. A profundidade do trabalho docente em sala de aula é o que torna o trabalho desafiador. A sala de aula precisa ser pensada como um espaço geográfico, com o objeto de estudo da Geografia (Aguiar; Shinobu; Salvi, 2018, p. 18 e 20). Além disso, não podemos repensar na sala de aula como território, uma vez que o próprio território ocorre por conta da relação de autoridade e poder que o professor estabelece em relação aos

alunos. A grande questão que fica como indagação, e que se relaciona necessariamente com o tópico de juventudes sobre o qual falamos muito, é o quanto a relação de poder do professor junto ao aluno o influencia ao longo da vida. Para Aguiar, Shinobu e Salvi:

Não é justificável negar, no entanto, que essa habilidade diverge dos ideais francamente expressos sobre os objetivos da educação escolar: formar cidadãos críticos e sujeitos pensantes (autônomos). A sala de aula, na perspectiva “libertadora”, seria um ambiente privilegiado da formação humana, possibilitando por meio da socialização do saber e do desenvolvimento do espírito crítico (autônomo) a partir de práticas não repressivas (de dominação e submissão). (Aguiar; Shinobu; Salvi, 2018, p. 25)

Dito isso, infelizmente, o que ocorre hoje nas escolas é justamente o oposto. Em sua grande maioria, há uma busca pelo “domínio” da sala de aula por alguns professores, o que reflete diretamente na visão dos alunos do professor como uma figura de autoridade e, muitas vezes, até mesmo paterna, além de utilizar a postura como inspiração, trazendo a tona a conhecida frase atribuída a Paulo Freire por Biagolini (2009): “Quando a educação não é libertadora, o sonho de todo oprimido é se tornar opressor”. Porém, “tal comportamento é uma herança social que Bourdieu aborda como existente na sociedade, de costume e culturas da educação que são reflexos da sociabilidade dos alunos e dos professores, e que existem e dialogam com a lógica trazida também por Paulo Freire”. (Ferreira, 2013, p. 47).

Dentro desse conceito de que as juventudes são, de certo modo, influenciadas pelas relações de poder existentes no seu cotidiano e formando territorialidades (Mendes, 2012), seja na sala de aula, seja em casa, seja nas ruas (com a polícia enquanto autoridade), é importante trazer, também, uma perspectiva dos próprios jovens sobre o ensino da Geografia (Oliveira, 2015). Para que eles entendam de forma crítica e freireana o cotidiano, cabe ao professor introduzir o tema à eles, de forma sutil e simples, para que eles possam replicá-lo, também, na sua sociabilidade. Afinal, como abordado anteriormente, os jovens estão quase sempre envolvidos em grupos de convívio, influenciando e sendo influenciados pelos integrantes.

Além disso, há uma preocupação muito grande com os conflitos que a própria herança social nas escolas gera nos alunos. O crime organizado, por exemplo, tem uma relação de poder concreta que é diferente, porém se assemelha às outras

relações do cotidiano, citadas anteriormente. Ao cabo, como os jovens costumam andar em grupos, a normalização de algumas questões referentes ao crime são, também, parte da sociabilidade e do que eles escutam e tomam como verdades ao longo da juventude, seja em casa, no bairro ou na escola.

Um dos aspectos a serem destacados é a restrição à “fofoca” e à circulação de informações, que têm regras claras e implicam riscos. Toda informação sobre pessoas e ocorrências dentro da comunidade deve permanecer circunscrita ao território da comunidade. Quanto maior é o poder de coerção exercido pelos criminosos sobre a população, mais o temor do testemunho e da denúncia é manifestado pelos moradores. Denominada “cagoetagem” ou “X9”, a delação ou passagem de informações a pessoas que não detêm o status de pertencimento ou podem denunciar o delator como “informante” constitui ato de risco que implica sanções. Em alguns casos, essas sanções chegam à extrema violência e constituem um dos maiores fatores de medo e insegurança eliciados pelos participantes. (Pimenta, 2015, p. 94 e 95)

Na citação acima, em uma pesquisa realizada por Pimenta sobre as relações de poder e controle social em áreas de grande exposição à violência em Porto Alegre, ela traz uma informação sobre o medo e a insegurança de moradores de bairros periféricos que não são exclusivamente adultos, muitos são crianças e jovens que estão expostas a situações onde a principal imposição de respeito é o medo, muito semelhante à prática que é exercida dentro das escolas. Por isso, a Geografia escolar como fonte de conhecimento deve, também, através de pesquisa, mudar essa visão da escola como tradicional e ameaçadora.

2.4 BREVE ESTADO DA ARTE

O Estado da Arte é essencial para identificar o pensamento da comunidade acadêmica com o intuito de agregar ao corpus da análise, além de aumentar o contato com movimentos atuais acerca do objeto de investigação na pesquisa. A fase exploratória é imprescindível em uma pesquisa, de acordo com a citação abaixo:

No que diz respeito à fase exploratória, sua contribuição é ímpar porque nos dá uma visão do que já foi/está sendo produzido em relação ao objeto de estudo que selecionamos como tema de pesquisa; disso decorre que é possível construir uma avaliação do grau de relevância e da pertinência do tema inicialmente selecionado situando-o em um campo de produção de conhecimento. Desse movimento, emerge outro, que é o acesso e a busca por outros nos artigos/trabalhos relacionados ao nosso tema, através da consulta às bibliografias daqueles trabalhos selecionados para a construção do estado de conhecimento. De certa forma, esse trabalho, para o qual

somos preparados, enquanto estudantes de stricto sensu, também ajuda na contextualização do objeto de estudo, que sempre deve ser situado no contexto histórico, social, mas também no campo científico com o qual se relaciona. A construção da problemática. (Morosini; Fernandes, 2014, p. 161)

Nesta pesquisa, a fase exploratória foi constituída através de um breve resumo do que foi entendido acerca dos três TCCs que abordam educação popular e que foram publicados por alunos da Geografia em um recorte temporal de 2020 a 2023, a fim de identificar pontos a serem utilizados no presente trabalho e realizar a contextualização do objeto de estudo. A pesquisa pelos Trabalhos de Conclusão de Curso que envolvem os três eixos foi realizada através do banco de dados Lume, da UFRGS, com o descritor “cursinhos pré-vestibulares populares” e o tipo “TCC” e encontrou dois trabalhos que envolvem educação popular, sendo apenas um deles abordando o ensino da Geografia.²

O trabalho “Pré-vestibulares populares em Porto Alegre: interface entre luta antirracista e educação popular” (Aguiar, 2021), foi publicado por um aluno de Ciências Sociais da UFRGS e examinou o conjunto entre educação popular e luta antirracista em quatro PVPs de Porto Alegre, utilizando métodos de levantamento bibliográfico com diversas leituras relacionadas ao movimento negro e ao racismo estrutural na nossa sociedade, entrevistas a sujeitos que representaram os quatro cursos populares que foram analisados, e análise de documentos históricos da cidade de Porto Alegre. O estudo examinou diversas contribuições para uma concepção de luta antirracista nos movimentos de educação popular justamente por conta da aproximação que foi realizada junto aos quatro PVPs investigados. Foram analisados oito indicadores (como reserva de vagas, formações e proporção de educadores negros) para compreender as dimensões da relação entre a luta antirracista e a educação popular, revelando que todos os pré-vestibulares incorporam a luta antirracista em alguma medida, uma vez que fazem o papel que o Estado deveria fazer de preparar os jovens para o vestibular.

² (Araujo, O Caráter de educação popular no núcleo de Geografia do PEAC vivenciado na retomada das aulas presenciais, 2023).

(Munhóz, Práticas afirmativas na educação popular : uma reflexão a partir das experiências do pré-vestibular Esperança Popular Restinga, 2021).

(Aguiar, Pré-vestibulares populares em Porto Alegre : interface entre luta antirracista e educação popular, 2021).

O principal ponto a ser evidenciado na pesquisa são as entrevistas, nas quais quatro sujeitos, representando os quatro PVPs analisados, foram indagados, contribuindo para a análise sobre a importância dos respectivos cursinhos na luta antirracista. Vale ressaltar, também, que uma das entrevistadas é uma aluna de Geografia do 4º semestre, que foi aluna do cursinho e retornou como professora. Ou seja, esse fato evidencia que o cursinho pré-vestibular não só beneficia os alunos, mas também faz com que os próprios alunos retornem para contribuir com a instituição. Além disso, os PVPs auxiliam aqueles que estão nos primeiros anos da graduação a adquirir experiência em sala de aula e a compartilhar conhecimento.

O trabalho “O caráter de educação popular no núcleo de Geografia do PEAC vivenciado na retomada das aulas presenciais” (Araújo, 2023) foi escrito por um aluno da Geografia da UFRGS e tem como objetivo verificar a percepção dos professores do núcleo de Geografia do PEAC (Projeto Educacional Alternativa Cidadã), com o retorno ao presencial após o período quando realizaram aulas *online*, devido à pandemia de Covid-19. O estudo busca compreender como foram realizadas as aulas de educação popular no contexto de pandemia no núcleo de Geografia. No trabalho, também foi verificado outros Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) produzidos na UFRGS sobre o PEAC, em um recorte temporal de 23 anos — o tempo de existência do PVP analisado. Houve, ainda, entrevistas semiestruturadas que foram conduzidas com quatro professores do núcleo de Geografia que vivenciaram a transição da pandemia para retorno ao presencial.

A análise das entrevistas revelou a importância da retomada das reuniões presenciais para o planejamento, troca de experiências e tomada de decisões coletivas, uma vez que, durante o período de Ensino Remoto Emergencial (ERE), houve uma evasão acima do normal no curso, além do baixo engajamento dos alunos. Já no presencial, o contato com os sujeitos facilita muito a execução das aulas e a aplicação do conteúdo, ajudando os alunos, afinal, em uma aula presencial, há muito mais interação e se dá uma importância maior ao processo de ambos os lados. Outro ponto importante a se relatar sobre a pesquisa é a forma como eram realizadas as aulas no período abordado. Ao longo da pandemia, os professores precisavam gravar vídeos para aplicar aulas e realizar as atividades através de videoconferência diária, dificultando o acesso aos alunos que não tinham um celular ou acesso à internet. Convergindo com a pesquisa do presente trabalho,

vale ressaltar o empenho dos professores do núcleo de Geografia no PEAC para auxiliar os jovens alunos que estiveram muito perdidos no espaço temporal dos dois anos de um cenário pandêmico.

O trabalho “Práticas afirmativas na educação popular: uma reflexão a partir das experiências do pré-vestibular Esperança Popular Restinga” (Munhóz, 2021) examinou a experiência do Pré-Vestibular Esperança Popular da Restinga na luta antirracista. Esse estudo investigou as práticas pedagógicas adotadas pelos professores no enfrentamento ao racismo e buscou compreender como essas práticas são desenvolvidas. A pesquisa utilizou a metodologia bibliográfica e análise documental por intermédio das atas das assembleias gerais e do jornal publicado pelo PVP Esperança Popular da Restinga. A partir do diálogo com os estudos sobre o Movimento Negro, branquitude, racismo estrutural e educação popular, o estudo demonstra que a educação popular desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de abordagens pedagógicas que promovem o reconhecimento da diversidade étnico-racial. O trabalho também explica sobre o quanto a atuação dos professores é essencial para enfrentar o racismo na sociedade brasileira, e como a educação popular serve de estrutura para o aprendizado, já com base nisso.

O trabalho trouxe diversas análises, sendo elas: identificou se houve promoção e manutenção de debates interdisciplinares sobre a temática racial no cursinho onde foi elaborada a pesquisa e concluiu que as ciências humanas acabam ficando encarregadas de abordar a temática racial e de diversidade, enquanto as outras matérias não o fazem; constatou elementos na construção do currículo didático-pedagógico que prezam pelo reconhecimento à diversidade, e, nesse ponto, a autora levou em consideração ações com relação ao Dia da Consciência Negra e concluiu que houve, registradas em ata, menções ao dia; constatou se há remoção de obstáculos para a presença e participação de alunas, alunos, educadoras e educadores negros e concluiu que há um cuidado especial com as alunas e alunos negros que trabalham ou residem longe, uma vez que eles podem integrar as aulas em horários flexibilizados pela coordenação do curso. Além disso, há uma priorização de matrícula de alunas e alunos que não têm idade escolar, além de priorizar vagas a alunas mães. Por fim, há um cuidado também com os educadores, através da conscientização acerca da importância do debate sobre questões raciais. A pesquisa identificou a presença de revisão de práticas pedagógicas e

institucionais e concluiu que o PVP dá uma atenção muito importante e necessária à formação dos professores não só em questões etnico-raciais, mas também no que diz respeito à identidade de gênero.

3. METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO BÁSICA

Esta pesquisa se caracterizou como quantitativo-qualitativa, com a primeira parte, na qual houve a aplicação de um questionário; teve como objetivo principal entender as relações dos alunos de PVPs com as instituições, além de compreender suas ideias acerca de juventudes e ensino de Geografia. Quanto à natureza, tratou-se de uma pesquisa básica, pois buscou gerar novos conhecimentos para pesquisas futuras úteis para a ciência e, ao mesmo tempo, aplicadas, pois foi realizada com o propósito de adquirir saberes que possam ser utilizados de maneira direta na resolução de questões práticas.

Já os objetivos da pesquisa são exploratórios e descritivos, buscando entender a complexidade da experiência e o motivo dos alunos estarem cursando um cursinho pré-vestibular popular, através de um levantamento realizado junto a eles por intermédio do questionário. De acordo com Gil (2007, p. 27), as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Isso é justamente o que esta pesquisa se propõe através de seus procedimentos, que são bibliográficos para o Estado da Arte — pelo qual buscamos identificar pontos das pesquisas anteriores a serem explorados também nesta pesquisa, com a aplicação do questionário diretamente para um grupo de interesse (nesta situação, alunos de PVPs da Região Metropolitana de Porto Alegre) e estudo de caso, estudo aprofundado do tema. Ainda de acordo com Gil (2007, p. 28), a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. E é, também, outro objetivo atribuído a esta pesquisa, uma vez que buscamos compreender as características dos alunos de de PVPs na Região Metropolitana de Porto Alegre.

3.2 CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em dois cursinhos pré-vestibulares populares na Região Metropolitana de Porto Alegre: um deles era sediado em uma das maiores escolas da região, com divulgação dentro da própria escola, facilitando a matrícula de alunos que estudam nela. Porém, ao longo do ano, passou a realizar exclusivamente aulas remotas. Essas são realizadas diariamente no turno da noite. O PVP tem cerca de 20 professores, sendo dois de Geografia, todos voluntários. Hoje, o cursinho conta com cerca de 15 alunos matriculados, sendo apenas cerca de 10 na faixa etária alvo da presente pesquisa. O outro PVP no qual foi aplicado o questionário fica na sede de um partido político de esquerda, com o foco na divulgação através da página do cursinho nas redes sociais e tem aulas presenciais. Hoje, contam com aproximadamente 15 professores, sendo apenas um de Geografia. As aulas são realizadas no turno da noite. Estão matriculados aproximadamente 10 alunos, sendo cerca de 5 na faixa etária alvo desta pesquisa. Além disso, a principal característica dos dois PVPs investigados é que ambos não têm custo nenhum aos alunos. As aulas são gratuitas e não é cobrada nenhuma taxa de matrícula.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

O público-alvo da pesquisa foram jovens que frequentam os dois PVPs selecionados, com idade entre 18 e 29 anos, que se enquadram nas concepções de jovens dispostas pelo Estatuto da Juventude, de que jovem é aquele que possui entre 15 e 29 anos. Todos estudam no turno da noite nos seus respectivos PVPs e concordaram em participar da pesquisa, assinando um Termo de Consentimento (TCLE). Não serão respondentes alunos entre 15 e 18 anos, devido aos cuidados éticos, nem os maiores de 30, por não serem considerados jovens (Brasil, 2013. n.p.).

3.4 PROCEDIMENTO PARA COLETA DOS DADOS: QUESTIONÁRIO

A técnica de coleta de dados se deu por via de aplicação de questionário, e o público-alvo foram jovens-alunos entre 18 e 29 anos. Os eixos são juventude, educação popular e ensino de Geografia, sendo quinze perguntas ao todo, cinco para cada segmento, com o intuito de compreender a percepção dos jovens sobre Geografia e educação popular, além de entender suas percepções sobre juventude. Foi escolhido o questionário como método de aplicação por ser um dos pontos que levam à compreensão do comportamento humano: perguntar às pessoas sobre o que fazem (fizeram) e pensam (pensaram) (Günther, 2003). A partir dessa premissa, o instrumento foi aplicado aos jovens para entender o que pensam e fazem de acordo com os três eixos apresentados acima. O modelo do questionário se encontra no Apêndice A do presente trabalho.

3.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Utilizando como referência Bardin (1977, p. 34), a análise dos dados se deu com uma aproximação à Análise de Conteúdo, “com o entendimento de que pode ser uma análise dos significados (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos significantes (análise léxica, análise dos procedimentos)”. Ainda de acordo com a autora, a análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados — a inferência e a interpretação.

Elenco três categorias *a priori* para a análise dos dados:

- a) a compreensão do que é juventude: o que os jovens que responderam ao questionário entendem enquanto juventude;
- b) a educação popular enquanto ferramenta para transformação da sociedade: como os jovens compreendem o espaço da educação popular?
- c) como os jovens-alunos enxergam a Geografia e o ensino da Geografia?

3.6 CUIDADOS ÉTICOS

O trabalho seguiu o disposto na Resolução 510/2016 do CNS (Brasil, 2016) e, devido ao curto espaço de tempo para a realização do trabalho, protelou a tramitação em instâncias de análise ética. Apesar disso, todos os cuidados éticos foram tomados: os nomes das instituições envolvidas não foram citados, assim como as informações que possam identificar os sujeitos entrevistados não serão divulgadas ao longo da pesquisa. Além disso, só foram submetidos ao questionário da pesquisa jovens maiores de 18 anos, não sendo, assim, respondentes os sujeitos menores de idade (entre 15 e 17 anos), justamente pelo respeito aos cuidados éticos. Foi apresentado aos sujeitos respondentes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) e às instituições envolvidas o Termo de Anuência (Apêndice B), tornando-se, assim, facultativa a participação.

Os benefícios da pesquisa são a contribuição com a ciência através de uma pesquisa sobre os jovens-alunos da educação popular na RMPA, assim como haver realizado um levantamento de outros trabalhos que abrangem a educação popular. Já os riscos são justamente a divulgação de informações pessoais dos jovens-alunos.

3.7 QUADRO RELACIONANDO OBJETIVOS — REFERENCIAL TEÓRICO — METODOLOGIA

Quadro 1 – Correlação entre objetivos específicos, referencial teórico e partes do questionário

Objetivos específicos	Eixo do referencial teórico	Partes do Questionário
I. Conhecer quem são os jovens do PVP participantes da pesquisa.	Juventudes contemporâneas	Quem são esses jovens?
II. Identificar as percepções desses jovens acerca da educação popular e do PVP	Educação Popular	Os jovens e sua relação com o PVP
III. Compreender as relações desses jovens com a Geografia ensinada no PVP e Educação Geográfica	Ensino de Geografia	Os jovens e a Geografia do PVP/Educação Geográfica.

Fonte: Organização do autor, 2023.

4. RESULTADOS

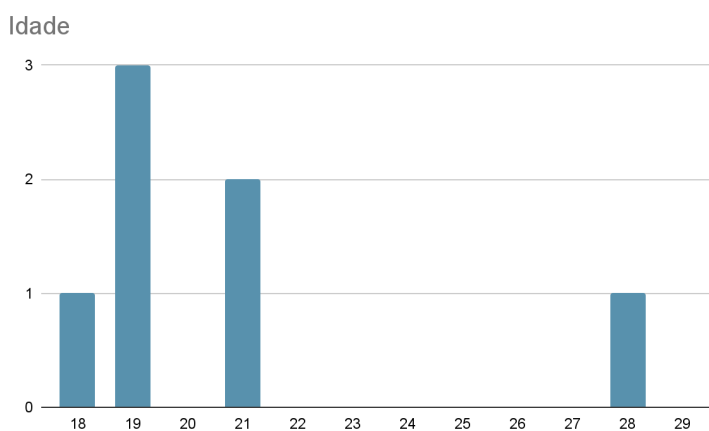
4.1 QUEM SÃO OS JOVENS DA PESQUISA

A aplicação do questionário foi realizada em dois cursinhos pré-vestibulares populares, tendo havido sete respondentes, sendo quatro no primeiro e três no segundo. O número baixo de adesão ao questionário se dá por conta dos altos índices de evasão nos PVPs, rotina que é comum para quem frequenta o ambiente, o que é um reflexo do que ocorre, também, na evasão escolar.

Em estudo realizado por Nascimento (2013), foi feito um levantamento das características dos cursinhos populares da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e estes apresentam diversas dificuldades em sua organização, como a falta de comprometimento dos membros, a dificuldade de encontrar professores, a falta de capacitação dos mesmos, a ausência ou reduzidas verbas para a manutenção das aulas, a precariedade de espaço físico adequado, etc. sendo a evasão estudantil um dos problemas mais recorrentes e preocupantes. Sendo assim, é evidente que a evasão se torna, segundo Silva et al. (2010, p. 70) uma importante temática dentro do contexto dos cursinhos populares. (Lunardi, 2020. p. 36 apud. Nascimento, 2013, n.p. apud. Silva et. al, 2010, p. 70)

É de extrema importância que os jovens respondentes do questionário sejam apresentados e, para que estejamos cientes da caracterização dos sujeitos, foram realizadas 6 perguntas. São elas: a idade (Gráfico 1), o gênero (Gráfico 2), se eles têm filhos, se trabalham (Gráfico 3) e, se sim, com o quê. E, por fim, o que eles costumam fazer no tempo livre, quando não estão estudando ou trabalhando.

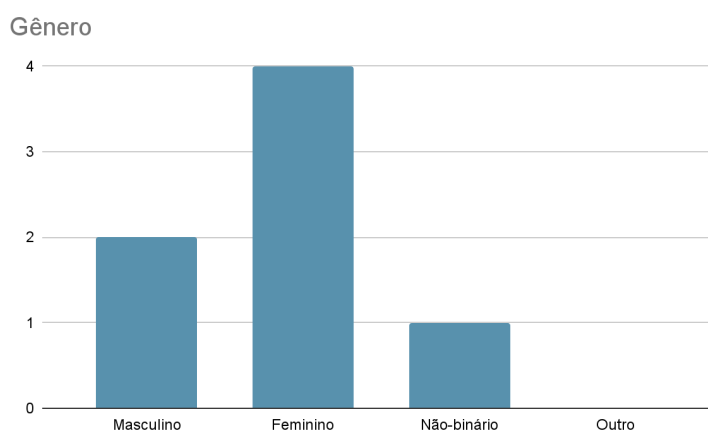
Gráfico 1 - Idade dos participantes



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

No gráfico de idade, foi possível verificar que, dos sete entrevistados, foi constatada a idade de 18 anos (14,28%/n=1), 19 anos (57,14%/n=4), 21 anos (28,57%/n=2) e 28 anos (14,28%/n=1). Constatamos, assim, que a maioria dos respondentes está na faixa-etária dos 18 aos 21 anos, salvo uma exceção, que está com 28 anos. A primeira questão que levantamos foi que os alunos jovens, que saíram recentemente do Ensino Médio, buscam mais por PVPs.

Gráfico 2: Gênero

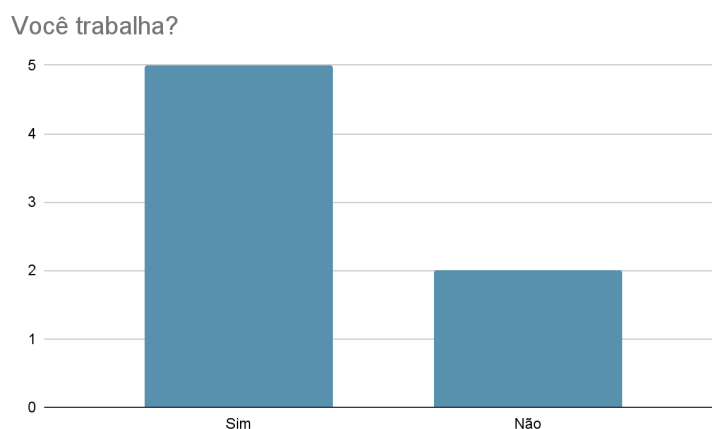


Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Em ambos os cursinhos, a maioria dos alunos, alunas e alunes³ entrevistados foram jovens do gênero feminino (57,14%/n=4). O assunto diz respeito à identidade de gênero, e vem ao encontro dos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE (2019), que aponta que as mulheres são maioria quando se trata de acesso ao ensino superior brasileiro. Também é importante ressaltar que um dos respondentes se considera não-binário, o que se refere a pessoas cuja identidade de gênero não se alinha exclusivamente com os gêneros masculino ou feminino. Na terceira pergunta, os sete respondentes afirmaram que não têm filhos, o que demonstra uma dificuldade em pessoas com filhos de se manterem estudando. Segundo o IBGE, por exemplo, 90% das mulheres jovens com filhos deixam de estudar (Abdala, 2014).

³ O termo não-binário se refere às pessoas que não se percebem como pertencentes a um gênero exclusivamente. O uso do pronome neutro se dá em respeito a essas pessoas.

Gráfico 3: Você trabalha?



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Já no Gráfico 3, podemos verificar que a maioria dos alunos de PVPs trabalham durante o dia e têm aulas no turno da noite (71,42%/n=5). Na pergunta seguinte, que questionava com o que eles trabalhavam, os alunos responderam que estavam ou como autônomos (babá e paisagismo) ou em empregos que possuem uma remuneração que impossibilita a esses jovens pagarem por um curso pré-vestibular privado (*telemarketing*, operação de cobrança, catalogação de itens, montagem de mangueiras hidráulicas), o que traz o debate da necessidade de que existam mais opções de preparo ao vestibular aos jovens-alunos de baixa renda, uma vez que os PVPs são movimentos sociais voluntários. Além disso, 2 jovens-alunos(as) se encontram desempregados, o que traz a tona o debate sobre a dificuldade desses jovens em encontrar emprego.

Os dados trazidos por Corrochano (2023, n.p.), “a taxa de desocupação de jovens entre 15 e 29 anos passou de 13,4% em 2012 para 22,2% em 2019, em escala nacional. Por seu turno, a informalidade também aumentou: em 2019, eram 49,2% de jovens entre 15 e 29 anos na informalidade, contra 43,8% em 2012.”, corroboram o que trouxemos nesta pesquisa. Podemos verificar que há um aumento de 8,8% na taxa de desocupação dos jovens, além de um aumento 5,4% entre os jovens que trabalham na informalidade. O que significa que é necessário que haja

uma atenção especial do Estado para com os jovens de baixa renda, principalmente com os que estão saindo do Ensino Médio.

Na pergunta seguinte, foi questionado aos alunos e alunas o que eles faziam no seu tempo livre. As respostas foram:

- faço afazeres de casa e estudo;
- estudo, me exercito, vejo filmes e séries;
- jogo *videogames* e estudo sobre computação;
- leio, estudo e assisto a séries;
- pinto e faço artesanato;
- sou babá e faço paisagismo;
- geralmente fico em casa cuidando das coisas, pois moro sozinha, e depois disso acabo aproveitando o tempo para lazer.

Podemos verificar que o conceito de tempo livre para os jovens diz respeito especificamente ao tempo em que eles não estão em compromissos formais, trabalhando ou em aula. Em 5 respostas, os(as) alunos(as) disseram que estudam no tempo livre. Ou seja, consideram que há tão pouco tempo para que eles possam se dedicar aos estudos que acabam por fazê-lo no que consideram seu tempo livre. Além disso, uma das respondentes afirmou que o que faz no tempo livre é o mesmo que ela faz enquanto trabalha, abordando um conceito que é trazido na citação a seguir.

Essas críticas têm se focado principalmente sob dois aspectos: a primeira dificuldade diz respeito à ausência, tanto em Dumazedier como em seus seguidores, de uma demarcação mais clara entre os conceitos de lazer e tempo livre, ambos definidos a partir da não-obrigatoriedade das ações neles realizadas. Contudo, como explica French (2000), é preciso considerar que há limites muito tênues entre as atividades que são ou não obrigatórias, como, por exemplo, a participação em grupos da igreja, escolas de música, as práticas manuais e de artesanato, parcialmente desinteressadas, as visitas a parentes de outras localidades, em um misto de obrigação familiar e ruptura do cotidiano, etc. Optando pela concepção de Dumazedier, todas essas atividades não entrariam na definição de lazer, sendo classificadas pelo autor como semilazer e excluindo, com isto, um número significativo de práticas do nosso cotidiano das análises sobre a temática. Assim, como nos indaga Franch, “uma semi-definição como essa não indicaria que é preciso procurar outras vias para definir essa esfera?”. (Martins, 2013, p. 28 apud French, 2000, p. 20)

Conforme verificamos na Figura 1, a expressão “ter” é a que mais aparece entre as respostas dos jovens-alunos, seguida de “ser”, “que” e “vida”. A seguir, encontram-se as respostas dos jovens-alunos respondentes.

- Ser jovem é poder ter sonhos e correr atrás, é ser flexível, é não ter medo de mudar.
- É ter vitalidade, ter vontade de viver e aprender coisas novas, ter curiosidade sobre si e tudo que o cerca.
- Ser jovem é viver, ter sonhos, medos, inseguranças, indecisões e liberdade.
- Ser jovem, pra mim, é a fase entre a adolescência e os 25 anos, em que somos legalmente adultos, mas ainda nos sentimos novos para isso, é a transição da adolescência para a vida adulta.
- Transição entre adolescência e vida adulta.
- Viver uma vida com diversas oportunidades
- É curtir a vida enquanto pode, enquanto é mais fácil, quanto mais o tempo passa, tudo fica mais difícil

É importante ressaltar que algumas definições foram semelhantes, todas afirmando que ser jovem é a “transição entre adolescência e a vida adulta”, alegando que a idade atual é onde já são adultos, porém ainda não se sentem dessa forma. Na pesquisa realizada por Pimenta (2007), houve um cenário semelhante. A mesma reflexão envolvendo o termo “adolescência” se apresentou na pesquisa, como um novo item inesperado.

Além das categorias “jovem” e “adulto”, uma terceira categoria etária – a “adolescência” – emergiu de maneira inesperada durante as discussões. Ao contrário do que era suposto inicialmente, a pesquisa revelou que a transição é concebida como passagem direta da adolescência para a vida adulta, colocando em questão o lugar da juventude nesse processo. Como representação social, a juventude não parece depender de limites de idade e não se circunscreve a um intervalo etário específico. Em vez disso, é considerada como um “estado de espírito” que pode ser compartilhado por todas as pessoas. Os aspectos mais significativos relacionados ao adulto são claramente definidos em oposição à fase de vida imediatamente anterior, referida sempre como adolescência. As representações sobre o “jovem” e o “adulto” partilham algumas características que podem ser combinadas para designar novas identidades. Muitos participantes, que não se sentiam plenamente adultos, por exemplo, preferiram identificar-se como “jovens adultos.” (Pimenta, 2007, p. 130)

Ao considerar que ser jovem é uma fase de transição, abre-se espaço para um olhar mais compreensivo e acolhedor das necessidades específicas desse grupo

etário. Conforme Pimenta (2007) aponta na citação colocada, alguns estudantes que não se sentiam adultos se referiram a eles próprios como “jovens adultos” — o que vem ao encontro da resposta “Ser jovem, pra mim, é a fase entre a adolescência e os 25 anos, em que somos legalmente adultos, mas ainda nos sentimos novos para isso, é a transição da adolescência para a vida adulta”. Nesse caso, podemos fazer uma reflexão sobre a questão da independência financeira. Anteriormente, abordamos a dificuldade de se conseguir empregos no início da vida adulta e que, quando se consegue, o salário é abaixo da média. A sensação de que ainda não são adultos passa necessariamente pela ideia de uma maturidade financeira que só ao longo da vida adulta é possível conquistar, principalmente se tratando de jovens adultos oriundos de famílias pobres ou de classe média.

E, dentro disso, vem a pergunta número 3, que questiona se os respondentes se “consideram jovens”. Nesse questionamento, houve 6 respostas positivas, de que sim, consideravam-se jovens, com exceção de uma resposta negativa.

- Sim, pois por mais que já esteja beirando os 30, sinto que ainda tenho muito o que aprender e ver.
- Sim, pois busco conquistar tudo o que posso com meu esforço. Me dedicando sempre ao melhor para mim.
- Sim, pois tenho 21, mas, independente da idade, todo mundo é jovem.
- Sim, porque é assim que me vejo até o momento.
- Não tanto, desde novo possuo mais responsabilidades do que gostaria.
- Sim, pela idade.
- Sim, porque ainda estou na fase de transição, estou quase completando 20 anos, que, ao meu ver, é o auge da juventude.

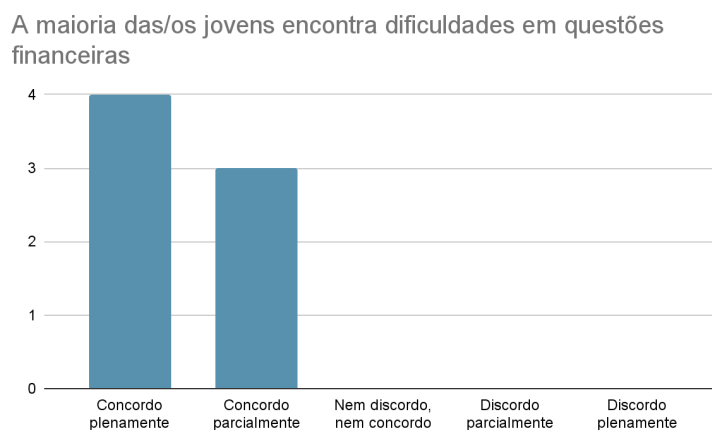
Nas respostas acima, podemos verificar o tamanho da complexidade e ambiguidade do tema, uma vez que a maioria dos respondentes (85,71%/n= 6) se consideram jovens, porém a única resposta negativa é impactante: “Não tanto, desde novo possuo mais responsabilidades do que gostaria”. As respostas positivas, por sua vez, variam desde o argumento da idade até questões mais filosóficas, como “por mais que eu esteja perto dos 30, ainda tenho muito a aprender” ou “independente da idade, todo mundo é jovem”.

Eu diria que os processos de transição para a vida adulta, embora se tenham complexificado, continuam a ser marcados pela imprevisibilidade. [...] Cá temos o misterioso meio, o desconhecido, a imprevisibilidade das curvas e contracurvas de vida que aparecem associadas a tropeços, a itinerários ziguezagueantes, a rumos indefinidos. Esses trânsitos de vida são incompreensíveis sem um conhecimento objetivo das regras desses trânsitos, dos seus ordenamentos sociais e institucionais, da semântica coletiva da vida social — constituída por crenças, valores, cultura. Aqui, sim, registaram-se mudanças significativas. (Pais, 2017, n.p.)

Essa abordagem nos traz o que é abordado por Pais (2017), no sentido de que a juventude, por ser uma fase marcada por imprevisibilidade e aprendizado, sendo que a condição juvenil não pode ser colocada como uma coisa só, por ser completamente diferente para cada indivíduo.

Já na terceira pergunta do eixo “juventudes”, foi questionado o grau de concordância com a afirmação “A maioria das/os jovens encontra dificuldades em questões financeiras”, e houve 4 respostas com “concordo plenamente” (57,14%/n=4) e 3 respostas com “concordo parcialmente” (42,85%/n=3), conforme o Gráfico 4, a seguir.

Gráfico 4: Questões financeiras



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

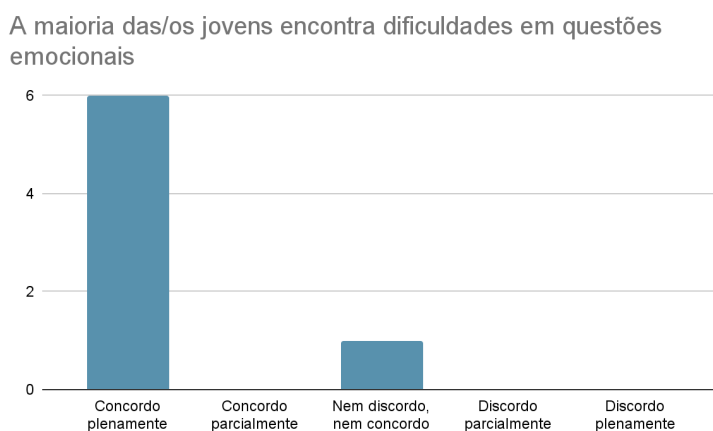
Esse ponto nos traz a reflexão sobre a unanimidade no que se diz respeito à concordância com a afirmação. Fato é que, de acordo com o IBGE (2023), 29,1% dos jovens de 18 a 24 estão desocupados. Além disso, em 2020, o salário médio inicial para quem tinha entre 18 a 29 anos ficou entre R\$1.387,84 e R\$1.680,79,

enquanto para quem tinha entre 30 e 39 anos era de R\$1.873,97 (Garcia, 2020). Ou seja, há, sim, no Brasil, uma dificuldade financeira latente entre os jovens de 18 a 29 anos. Os dados apresentados, com a alta taxa de desocupação nessa faixa etária e a discrepância salarial em comparação com pessoas mais velhas quando a pauta é entrada no mercado de trabalho, indicam uma realidade preocupante. São diversos os fatores que constituem esse tipo de situação, entre elas a alegação, por parte dos contratantes, da falta de experiência entre os jovens que procuram emprego. Esse fator faz com que alguns jovens recorram ao trabalho autônomo precário, chamado de “Uberização”, principalmente por conta da popularização dos aplicativos e a venda deles como oportunidade para jovens desocupados em *deliverys*, como entregadores de moto ou de bicicleta, ou de motoristas de aplicativo — alguns jovens acabam aderindo a esses meios como alternativa de uma renda fixa, como vemos a seguir.

Jovens desempregados, jovens em empregos de alta rotatividade, baixa remuneração e informais passam então a acessar um novo meio de geração de ocupação e renda, para o qual é necessário simplesmente aderir, ter um cadastro aprovado, fazer um investimento econômico mínimo e criar estratégias próprias de manutenção na atividade. (Abílio, 2020, n.p.)

Essas diversas abordagens nos levaram a outro questionamento, também no formato de Escala Likert. Perguntamos aos jovens alunos qual era o grau de concordância com a afirmação “A maioria dos jovens encontra dificuldades em questões emocionais”, e houve 6 respostas com “Concordo plenamente” (85,71%/n=6) e apenas uma com “Nem discordo, nem concordo” (14,28%/n=1), conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 5: Questões emocionais



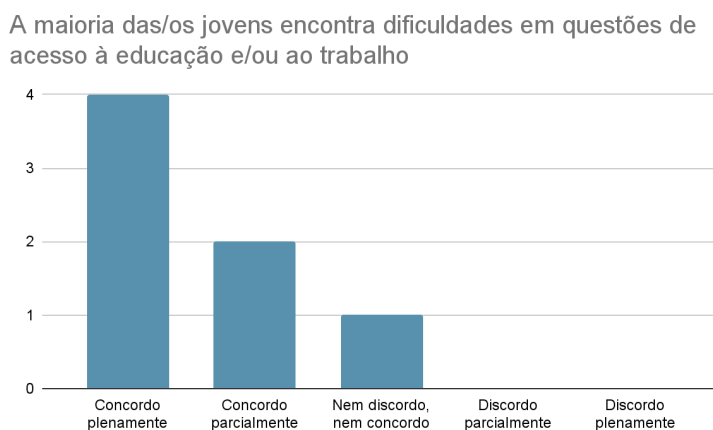
Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

O que mais chama a atenção no gráfico é justamente a alta adesão ao “Concordo plenamente”, e vem ao encontro da afirmação anterior de um dos jovens-alunos sobre ter “mais responsabilidades do que gostaria de ter nessa idade”, quando questionado sobre se considerar jovem ou não. Tal afirmação, juntamente à concordância dos 6 jovens, traz à tona uma reflexão sobre o quanto as emoções dos jovens contemporâneos são instáveis. No texto “O melhor medo da minha vida” — emoções nas ocupações estudantis”, Sallas e Meucci (2023, p. 3) abordam as culturas juvenis através da sociologia das emoções como plataforma de investigação em uma pesquisa com diversas entrevistas com jovens-alunos. Na sociologia das emoções, existem três espectros de emoções: “as primárias básicas: medo, ira, tristeza, alegria; as emoções sociais morais de segunda ordem: combinação de três emoções primárias — medo, ira, tristeza; e as emoções morais: vergonha, orgulho, indignação, culpa, humilhação, gratidão”. Trazendo essa abordagem, é necessário que possamos analisar que os alunos de PVPs, que, em sua maioria, trabalham e estudam, passam por uma sensação de cansaço físico e mental, o que leva a dificuldades emocionais comuns ao longo da trajetória desses jovens-alunos. Em alguns casos, a falta de emprego, a rotina exaustiva, o baixo salário e as diversas responsabilidades que eles encontram ainda novos em idade influenciam completamente na saúde mental de cada um. O medo de não ter dinheiro para

pagar as contas, a ira por um sistema desigual, a tristeza reunida com o conjunto dos temas abordados. São diversas as situações que influenciam as respostas de cada jovem que, em sua grande maioria, afirmam que a maior parte dos deles encontram dificuldades em questões emocionais.

A última pergunta sobre a temática Juventudes também foi através da Escala Likert. Foi questionado qual era o grau de concordância sobre a seguinte afirmação: “A maioria das/os jovens encontram dificuldades em questões de acesso à educação e/ou ao trabalho”. Dos 7 alunos, 4 concordaram plenamente (57,14%/n=5), 2 concordaram parcialmente (28,57%/n=2) e um assinalou “nem concordo, nem discordo” (14,28%/n=1).

Gráfico 6: Questões de acesso à educação e trabalho



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

De acordo com Ferreira e Pomponet (2020), houve uma queda no número de jovens desempregados no Brasil em um comparativo entre 2006 e 2013, assim como houve uma maior adesão e um aumento no número de pessoas que concluíram o ensino superior nesse período. Fato é que, apesar dos números apresentados, a maioria dos respondentes concordaram com a afirmação de que os jovens encontram dificuldades em questões de acesso à educação e/ou trabalho.

[...] essa evolução se ancorou em bases muito precárias, insuficientes para transformar valores que orientam a estrutura social brasileira. Essa

fragilidade pode ser constatada ao longo do período de pujança, uma vez que, apesar da melhoria no acesso à educação e na criação de novos postos de trabalho, manteve-se a imensa distância no acesso às etapas mais adiantadas do ensino e no valor da remuneração do trabalho entre alguns grupos. (Ferreira; Pomponet, 2020, p. 296)

De acordo com os autores, essa diferença se dá justamente porque o aumento ainda é insuficiente, uma vez que a remuneração entre os empregos disponíveis para os jovens-alunos é baixa e o acesso ao ensino superior é elitista. Esses fatores se evidenciam, por exemplo, no próprio acesso às Universidades Federais, onde os alunos precisam se dedicar aos estudos, muitas vezes por anos, para conseguir o tão sonhado ingresso ao ensino superior público. Outra situação é que alguns sequer sonham em entrar no curso que desejam, afinal, muitas vezes, a jornada do curso cobiçado contempla turno integral, impossibilitando, assim, os jovens de conseguirem um trabalho nesse período. Esse tipo de situação gera desigualdade e fomenta a segregação educacional, uma vez que jovens que precisam trabalhar para sobreviver não conseguem integrar cursos de turno integral.

4.3 SOBRE JOVENS E EDUCAÇÃO POPULAR

Ao longo da aplicação do questionário, o eixo “Jovens e Educação Popular” foi cuidadosamente pensado para investigar de forma abrangente as perspectivas dos jovens em relação a essa abordagem educacional. Foram construídas no questionário 5 perguntas referentes ao eixo “Jovens e Educação Popular”. A ideia desse eixo é, através das perguntas, compreender qual é a visão dos sujeitos no que se diz respeito à educação popular e quais são as interpretações dos jovens-alunos sobre como esses projetos visam transformar a sociedade, além de questionar os motivos pelos quais eles escolheram participar de PVPs.

O primeiro questionamento foi “o que é educação popular?”, uma vez que tal compreensão pode ser assimilada de diversas formas, justamente por ser um tema de difícil entendimento aos alunos que costumam procurar PVPs. A seguir, todas as respostas dos alunos sobre o tema, além de uma nuvem de palavras acerca do que foi respondido.

determinados momentos, é o único elemento que muitos jovens precisam para conquistar a aprovação em algum vestibular e seguir o sonho de se aprofundar na área em que eles sonham em se profissionalizar. Além das respostas que utilizam a palavra “Oportunidade”, houve outras respostas que abordaram esse tema sem citar a palavra diretamente, como foi o caso do(a) aluno(a) que afirmou que a educação popular é “educação de qualidade onde todos podem aproveitar”. Ou seja, a educação popular é acessível justamente porque aproxima jovens que são afastados dos estudos por consequência do sistema capitalista. Parafraseando Paulo Freire e Adriano Nogueira (2001) sobre “o que é educação popular?”:

Entendo a educação popular como esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em uma primeira “definição” eu a apreendo desse jeito. Há uma estreita relação entre escola e vida política. (Freire; Nogueira, 2001, p. 19)

Ou seja, para os autores, a educação popular se torna uma alternativa ao sistema burguês e tem, sim, uma “estreita relação” com a vida política, conforme um(a) dos(as) alunos(as) afirmou: “Educação popular é um movimento político que tem como objetivo preparar os estudantes de baixa renda ou de escola pública para ingressar no ensino superior”. O simples fato de auxiliar alunos de baixa renda a ingressar no ensino superior é um ato político, mas, além disso, o objetivo da educação popular é, também, conscientizar os alunos através de uma emancipação do que lhes é dito ao longo de toda a sua vida, como “você não é capaz” ou “você nunca terá dinheiro para isso”. A educação popular é uma luta contra o poder burguês e uma alternativa aos jovens de baixa renda.

Já na segunda pergunta do eixo, o questionamento foi sobre o que o curso popular que eles frequentam representa na vida deles. É importante a abordagem desse assunto justamente para que consigamos ter a perspectiva do que os jovens de fato sentem e pensam sobre os PVPs que frequentam. Na sequência, as respostas dos alunos, seguidas da nuvem de palavras a respeito do que foi abordado no questionário.

- Um sonho que pode ser possível e que está ao meu alcance graças aos professores que têm empatia com o próximo.

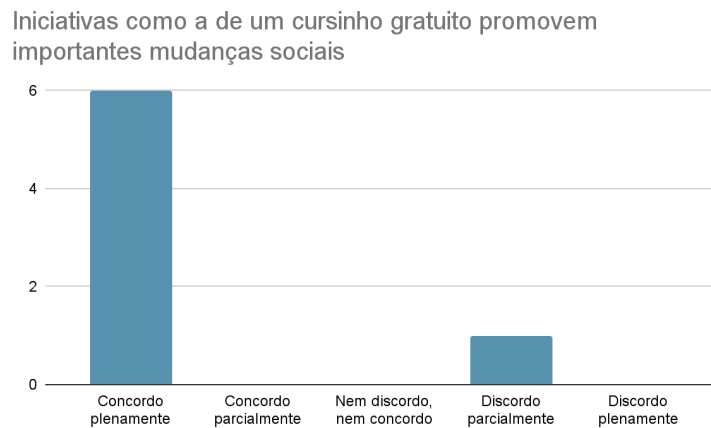
dos alunos que a compõem. Há diversos relatos de diversos PVPs de alunos que passaram a integrar a universidade após se prepararem em um curso popular e, depois, retornarem ao PVP de origem para auxiliar no desenvolvimento do curso. Esses casos existem e são frequentes, porém, mais uma vez, escancaram a falta de investimento e interesse do poder público nesses jovens-alunos que saíram recentemente do ensino médio e que precisam recorrer ao PVP. Um dos fatores é o motivo pelo qual os PVPs começaram a se organizar no Brasil em meados dos anos de 1980.

Os Cursinhos Populares começaram a se organizar em meados dos anos de 1980, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Integrantes do movimento negro após a constatação da ausência de negros no mercado de trabalho, na representação política e nas universidades públicas, resolveram levar para o movimento negro a tarefa de encontrar meios para a inserção da comunidade da “Baixada” nas listas de aprovação dos vestibulares das universidades públicas. Nasceu naquele momento o que, mais tarde, se constituiu na “Educação Para Negros e Carentes” (EDUCAFRO), representativo movimento de luta pela democratização do acesso à universidade para afro-descendentes e pobres, economicamente falando. (Castro, 2005, p. 15)

Ou seja, de acordo com Castro (2005), a organização dos PVPs passa a ocorrer de forma voluntária justamente por conta da segregação que havia com pessoas pretas que eram impedidas, de forma indireta, de ingressar no mercado de trabalho justamente pela falta das oportunidade que (não) eram concedidas por conta do sistema capitalista. Quando os alunos abordam a temática de “oportunidade” e gratidão ao PVP e aos professores, é justamente por conta desse descaso que é explanado em decorrência da segregação e da separação de pessoas que podem ou não podem se preparar para um vestibular.

A terceira pergunta foi uma afirmação na escala Likert que solicitava aos respondentes que dissessem qual era o grau de concordância deles com a afirmação “Iniciativas como a de um cursinho gratuito promovem importantes mudanças sociais”. Esse questionamento foi realizado para entender como os alunos enxergavam os cursinhos nos quais eles estudavam enquanto movimento social e político, uma vez que os PVPs visam a transformação social. A seguir, o gráfico.

Gráfico 7: Iniciativas como a de um cursinho gratuito promovem transformações na sociedade



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Nas respostas, houve seis “Concordo plenamente” (85,71%/n=6) e um “Discordo parcialmente” (14,28%/n=1). Fato é que a grande maioria acredita que projetos e iniciativas populares podem ajudar a promover mudanças sociais. A educação popular enquanto prática não-formal, surge historicamente no Brasil justamente como uma crítica à desigualdade no acesso à educação em nível médio e superior. De acordo com Vieira (2019), a educação popular tem origem na Igreja Católica, justamente como crítica aos sistemas vigentes.

A educação popular no Brasil teve origem nas organizações ligadas à igreja católica com preponderância da teologia da libertação, bem como nos movimentos sociais e populares com características de resistência aos sistemas vigentes. Essas organizações e esses movimentos se configuraram como prática não formal, através de construções por fora do aparelho estatal. (Vieira, 2019, p. 3)

Por ser fora do aparelho estatal, grande parte dos cursinhos populares não têm vínculos trabalhistas com os professores ou até mesmo com os lugares onde as aulas são realizadas, conforme abordado no referencial teórico desta pesquisa. Portanto, os professores que lecionam em PVPs de fato acreditam neles como ferramenta de transformação da sociedade e tentam repassar esse sentimento aos alunos.

Acredito que a transformação do mundo em que estamos, e de toda e qualquer lógica que nos é imposta, requer de nós a construção diária de

ações projetos que desafiam as contradições existentes e questionem de modo contundente as relações que nos mantêm imbricados e engessados. Por isso, acreditamos que precisamos de uma educação que nos faça pensar, e não obedecer. Uma educação, que construa e trabalhe alternativas de libertação para e na nossa realidade. Uma educação problematizadora, que dialeticamente se apoie em nossas resistências e lutas. (Ferreira, 2018, p. 33)

Compartilhamos da visão de Ferreira (2018), a educação com viés libertador e emancipador, como é a educação popular, é extremamente importante para mudanças na sociedade. É característico de movimentos de educação popular o apoio e a abordagem em aulas de pautas não só curriculares, mas também sociais, como o antirracismo, o feminismo, e a LGBTQIAP+fobia. Esses movimentos são transformadores e auxiliam os alunos não apenas com a aprovação em vestibulares, mas também com a consciência de classe.

Na quarta pergunta, foram questionados aos jovens-alunos os três principais fatores que fizeram eles escolherem participar de PVPs. A abordagem era para sintetizar o motivo, além do que entendemos como evidente, que era o financeiro, uma vez que o PVP não tem custos. A palavra mais abordada por eles foi “Horário”, indicando que o período noturno é de extrema importância, conforme o que é trazido na figura e nas respostas a seguir.

para a parcela da população que trabalha ao longo do dia. Esta pesquisa não foi a primeira na qual foram apontadas questões sobre o horário noturno. Ribeiro (2021) afirma que “tem-se ainda uma parcela significativa de estudantes que trabalham, estes especialmente atraídos pelo horário noturno das aulas”. A pesquisa confirma que, de fato, o horário é um atrativo para os jovens trabalhadores, e vem ao encontro dos dados anteriores sobre cinco dos sete respondentes estarem trabalhando em período integral durante o dia e outros dois alunos afirmarem estar desocupados. Além disso, é importante ressaltar uma das respostas, na qual o(a) aluno(a) afirmou que entrou no curso por “necessidade de mudar o rumo da minha vida, um amigo foi preso e me fez refletir sobre as minhas oportunidades; e a compatibilidade com o horário de trabalho”. Ou seja, o PVP foi o único lugar possível para que este(a) jovem pudesse seguir atrás do seu sonho após um choque de realidade na vida, que foi ter um amigo muito próximo preso.

Em síntese, vários são os porquês para os sujeitos buscarem o ensino superior. Embora estes tenham informações sobre a crise dos sistemas educacionais e do trabalho, continuam a aumentar a sua escolaridade e o nível de especialização com vistas a melhores condições sociais, empregatícias, econômicas e políticas, entre outras. O medo de se tornar parte marginal às condições sociais faz com que seja inquestionável a opção universitária. (D'ávila, 2006, p. 64)

A autora da tese “O ensino superior como projeto profissional para ‘Ser alguém’: repercussões de um cursinho pré-vestibular popular na vida dos estudantes”, citada acima, aborda justamente essas questões. “Ser alguém” é o principal motivo pelo qual alunos procuram PVPs, porém o mesmo “ser alguém” pode estar vinculado à cobrança familiar, ao medo da marginalidade, à busca por melhor condição de vida, entre outras questões que são abordadas ao longo da obra. Portanto, mais uma vez, é constatado o quanto a alternativa de um PVP é extremamente necessária no contexto não só da RMPA mas também do Brasil inteiro.

Já na quinta e última pergunta do eixo, questionamos “Qual palavra resumiria o trabalho de seus professores/as nesse curso pré-vestibular?” Foram utilizadas as palavras: generosidade, perfeito, esforço, dedicação e democrática. Destaque para a palavra “dedicação”, que foi citada em três momentos, e da palavra “democrática”, em que o aluno justificou a utilização: “Todos os professores ensinam de uma forma democrática, sempre respeitando a carga horária que cada aluno possui”. Essa

afirmação é de extrema importância, porque, de fato, os professores de PVPs precisam se adaptar à rotina dos alunos, afinal, em sua totalidade, são alunos oriundos de escola pública que estão expostos à rotina delas, como a falta de professores ao longo do Ensino Médio. Em um PVP, como a ideia geral é que a forma de ensinar seja de fato emancipatória, por conta do caráter político de movimento social, os professores têm outra forma de lecionar. Além disso, a palavra “dedicação” também veio à tona mais de uma vez. Os PVPs servem, também, para que docentes sem experiência prévia se desenvolvam, uma vez que não há remuneração. Essa prática é importante para que o novo professor possa ter experiência profissional ainda cursando a faculdade e, além disso, auxilia o PVP, afinal uma das maiores dificuldades encontradas por eles é de fato encontrar professores que estejam aptos a dar aula todas as semanas e sem receber remuneração salarial, por se tratar de um trabalho voluntário.

Observamos que as motivações que unem estudantes, professores e coordenadores, por mais que pertençam a diferentes projetos individuais, encontram um eco comum no espaço do curso pré-vestibular. A preparação para os exames de admissão em universidades públicas une a todos, mas os sentidos concedidos às provas e ao caminho percorrido até elas adquirem um caráter individual. (Ribeiro, 2021, p. 10)

De acordo com Ribeiro (2021), podemos enxergar no cursinho popular uma intersecção de interesses entre os estudantes, os professores e os coordenadores do curso. E, na visão de quem atua nesses cursinhos, é, de fato, uma ocorrência comum de uma construção coletiva com base em interesses individuais, porém que também atrai aos jovens-alunos a uma reflexão política de pertencimento ao lugar do PVP, justamente por encontrarem essas semelhanças, inclusive, nos professores e coordenadores.

4.4 SOBRE JOVENS E ENSINO DE GEOGRAFIA

Tratando-se do eixo “jovens e ensino de Geografia”, foram, também, cinco perguntas, buscando visualizar o entendimento dos jovens acerca do ensino de Geografia nos PVPs, além do que é compreendido por eles sobre a Geografia. No primeiro questionamento, perguntamos “Para você, o que é Geografia?”, com a ideia de compreender a visão deles sobre a nossa ciência e interpretar quais seriam as

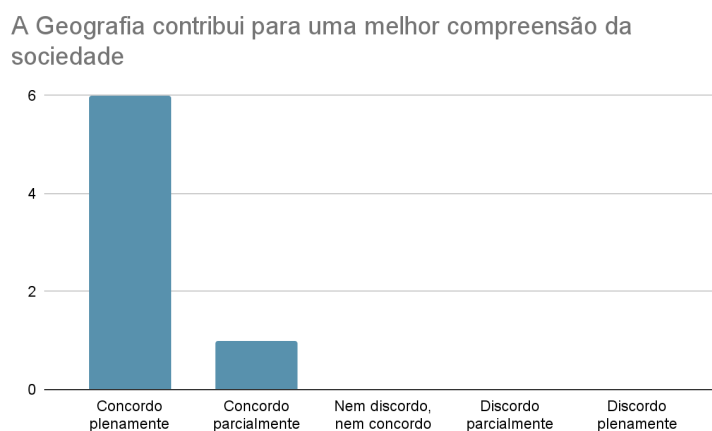
Como foi ressaltado anteriormente, em sua totalidade, eles são oriundos de escolas públicas e sofrem com frequência com a falta de professores. Tendo em vista que a Geografia é a ciência responsável por compreender o espaço e a relação com ele através de ações com os objetos, não é de todo errada a afirmação dos alunos, afinal, sim: a Geografia aborda todos os temas: ela estuda o planeta, a política, as populações, a superfície da Terra e o ambiente onde estamos inseridos. A resposta que melhor definiu a Geografia pode ser também a mais abrangente, tamanha é a complexidade da ciência que estudamos, conforme afirma Milton Santos (1978).

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções. (Santos, 1978, p. 122)

O espaço é uma totalidade, assim como a sociedade que dá a vida ao espaço. É um conjunto de funções, reflexo da interação do que ocorreu no passado e do que está ocorrendo no presente. Nada mais amplo e, ao mesmo tempo, preciso do que essa definição de um dos mais reconhecidos geógrafos de todos os tempos.

Já na segunda pergunta referente ao tema, acrescentamos uma afirmação na Escala Likert questionando o grau de concordância dos alunos com a frase “A Geografia contribui para uma melhor compreensão da sociedade”. Conforme analisado no Gráfico 8, a concordância foi unânime, porém um dos que concordaram assinalaram “concordo parcialmente” (14,28%/n=1), enquanto os outros seis (85,71%/n=6) concordaram plenamente.

Gráfico 8: A Geografia contribui para uma melhor compreensão da sociedade.



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Nesse caso, é interessante refletirmos sobre a visão desses jovens-alunos acerca da importância da Geografia na sociedade. Todos eles concordaram que a Geografia contribui, e eles estão completamente corretos. A Geografia contribui para a melhor compreensão da sociedade, afinal, ela é uma ciência que estuda justamente as representações das relações sociais do passado e do presente, o espaço, o tempo e os objetos (Santos, 1978). De acordo com o próprio Milton Santos,

O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, [...] o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (Santos, 1978, p. 171)

Ou seja, o espaço, que é o que a Geografia estuda, só evolui por conta da sociedade atual. Compreender a diversidade de terrenos, os padrões climáticos, as estruturas sociais e os comportamentos humanos em distintas regiões é fundamental para a coexistência harmoniosa da sociedade e a garantia de sua sustentabilidade. A resposta dos alunos, portanto, corrobora o que pensamos sobre a Geografia e os principais conceitos para realizar a leitura do espaço da melhor forma possível. A Geografia é uma ciência essencial para a manutenção da vida em sociedade, pois nos fornece as ferramentas necessárias para entender e enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

A terceira pergunta do eixo foi “Que aula de Geografia no Cursinho foi mais interessante? Descreva-a resumidamente.”. Nesse caso, três alunos não puderam responder, porque não estavam presentes nas aulas de Geografia nos respectivos PVPs. Portanto, analisaremos através da Figura 6 e da resposta dos outros quatro alunos a seguir.

Figura 6: Que aula de Geografia no Cursinho foi mais interessante? Descreva-a resumidamente.



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

- Foi quando estudamos fuso horário, foi meio complicado mas interessante de aprender.
- Biodiversidade, aprendi os biomas do Brasil e a importância deles.
- Biomas brasileiros.
- Geologia, pois é um assunto que me interessa e o professor foi claro e objetivo ao ensinar, mostrou em imagens e vídeos sobre o assunto, o que me fez entender mais e melhor.

Na Figura 6, podemos verificar que as palavras mais ditas foram “Assuntos”, seguida de “Biomas”. É interessante ressaltar que a ideia de que a Geografia só trabalha aspectos físicos, que foi trazida por um(a) dos(as) respondentes na

pergunta 1 deste eixo, ocorre porque todos os alunos citaram apenas aulas que de fato ressaltam aspectos físicos e outros três não assistiram as aulas de Geografia. O que, de certa forma, reforçou o estereótipo de que o ensino da Geografia nas escolas, que foi onde eles mais tiveram contato com a ciência, “só” trabalha fuso-horário, relevo, biomas e outros aspectos que são preponderantemente físicos e ilustrativos.

Tratava-se de explicar as regiões, mostrando não apenas suas formas e sua funcionalidade, mas também as contradições sociais aí contidas: a miséria e a subnutrição, as favelas, enfim as condições de vida de uma parcela da população, que não apareceria nas análises tradicionais de aspirações ecológicas. (Moraes, 1983, p. 118)

Ou seja, podemos verificar, através dos relatos dos alunos, que o ensino de Geografia aplicado nas escolas ainda está caminhando vagarosamente quando se diz respeito a uma aplicação crítica. Quando questionamos, na quarta pergunta do eixo, “Você percebe diferenças entre o ensino de Geografia que teve em sua escola e do ensino de Geografia que está tendo no cursinho? Por quê?”, conseguimos enxergar nitidamente na resposta de todos os quatro alunos que há, sim, uma diferença muito grande entre a aplicação do conteúdo de Geografia no PVP e na escola, conforme pode ser visto na Figura 7 e nas respostas, a seguir.

- Sim, pois estudando Geografia entendemos que a localização de um lugar influencia diretamente na vida das pessoas que vivem nele.
- Concordo plenamente, contribui para entender e ter noção da história e território das antigas gerações.
- Sim, porque conseguimos entender as causas desses conflitos.
- Sim, através do estudo das demográficas é possível reconhecer e apontar padrões que causam a miséria.
- Sim, pois foi a partir dessa matéria que desenvolvi melhor senso político.
- Concordo, porque com o estudo da Geografia podemos compreender cada evento, estudar os dados e fatores que levaram a nossa sociedade a atualidade.

Podemos visualizar na Figura 8 que as palavras mais abordadas foram “Sim” e “Concordo”, acentuando a unanimidade entre os respondentes de que sim, a Geografia é importante para entender questões globais. Ou seja, “serve para fazer a guerra”, conforme a famosa obra de Yves Lacoste (1988) “A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”. Lacoste, ao longo do livro, aborda a importância da Geografia enquanto ciência, uma vez que na época havia diversos questionamentos sobre a importância da Geografia. O livro constrói uma crítica importante à Geografia Tradicional e traz alternativas de uma abordagem crítica da Geografia.

Se a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra e para exercer o poder, ela não serve só para isso: suas funções ideológicas e políticas, pareçam ou não, são consideráveis: é no contexto da expansão do pangermanismo (os imperialismos francês e inglês se desenvolveram mais cedo, em ambientes intelectuais diferentes) que Friedrich Ratzel (1844-1904) realizou a obra, que, ainda hoje, influencia consideravelmente a geografia humana; sua Antropogeografia está estreitamente ligada à sua Geografia política. Retomando inúmeros conceitos ratzelianos, tal como o do Lebensraum (espaço vital) e os dos geógrafos americanos e britânicos (como Mackinder), o general geógrafo Karl Haushofer (1869-1946) dá, em seguida à Primeira Guerra Mundial, um impulso decisivo à geopolítica. Sem dúvida, numerosos geógrafos considerarão que é a última incongruência estabelecer uma aproximação entre sua geografia "científica" e o empreendimento do general, estreitamente ligado aos dirigentes do Partido Nacional-socialista. A geopolítica hitleriana foi a expressão, a mais exacerbada, da função política e ideológica que pode ter a geografia. Pode-se mesmo perguntar se a doutrina do Führer não teria sido largamente inspirada pelos raciocínios de Haushofer, de tal forma foram estreitas as suas relações, particularmente a partir de 1923-1924, época em que Adolf Hitler redigiu Mein Kampf, na prisão de Munique. (Lacoste, 1988, p. 10)

Lacoste (1988), nesse contexto, no título de sua obra, afirma que a Geografia não serve apenas para fazer a guerra e exercer o poder, mas sim para influenciar e estrategicamente compreender a geopolítica. É importante ressaltar algumas respostas. Um(a) dos(as) alunos(as) respondeu que “Sim, através do estudo das demográficas é possível reconhecer e apontar padrões que causam a miséria.”. Isto é, os jovens-alunos conseguem refletir e pensar na Geografia enquanto ciência estratégica e pensante, e não meramente reprodutora de conceitos e conteúdos. Outra resposta importante foi “Sim, porque conseguimos entender as causas desses conflitos.”. Isso significa que os jovens-alunos entendem que, através da Geografia, podemos entender o motivo dos conflitos e por que eles ocorrem. Mesmo com as aulas não tão boas que eles tiveram ao longo do Ensino Médio, ainda há uma visão de que a Geografia é, sim, uma ciência estratégia e crítica, e muito disso é por conta do que os jovens-alunos visualizaram no PVP.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foram apresentados três eixos de discussão, além do estado da arte, sendo eles Juventudes, Ensino de Geografia e Educação Popular — no qual realizamos um estudo de caso. O objetivo do trabalho foi analisar a percepção de jovens de cursinhos pré-vestibulares populares da RMPA sobre juventude, a educação popular e o ensino da Geografia, enquanto os objetivos foram conhecer quem são os jovens dos PVPs participantes da pesquisa, identificar as percepções desses jovens acerca da educação popular e do PVP e compreender as relações desses jovens com a Geografia ensinada no PVP e da Educação Geográfica.

Os conceitos abordados no trabalho foram o de Juventudes — com o foco sobre os jovens-alunos, concentrando-se, principalmente, nas experiências dos jovens residentes de áreas rurais e periféricas, além de abordar questões relacionadas às dificuldades dos jovens em encontrar algum lugar para estudar depois do término do Ensino Médio, uma vez que cursinhos pré-vestibulares privados são caros e que não há métodos formais onde alunos invistam pouco e possam se preparar para o vestibular. A partir dessas questões, abordamos as temáticas do segundo eixo, que é educação popular.

No caso da educação popular, falamos sobre seu surgimento, que se deu através da necessidade de suprir a lacuna causada pelo descaso público, por intermédio de movimentos sociais autônomos não-formais que visam a dar oportunidade de jovens-alunos oriundos de escola pública que não têm condições de pagar por um cursinho privado. Também contextualizamos como está situada a RMPA em relação aos PVPs. Na sequência, abordamos o ensino de Geografia, enfatizando o debate sobre Geografia acadêmica e Geografia escolar, além de acentuar a importância da educação geográfica no cotidiano dos alunos. Já na última parte do referencial teórico, abordamos três pesquisas de TCC sobre PVPs que foram publicadas na UFRGS nos últimos três anos, buscando investigar o que foi abordado por esses trabalhos.

A discussão teórica foi acerca do motivo pelo qual jovens-alunos escolhem estudar em cursinhos pré-vestibulares populares e qual é a percepção deles sobre os eixos juventude, Educação Popular e ensino de Geografia. Contextualizamos,

através do referencial teórico, qual seria a abordagem realizada no trabalho. As discussões foram sobre a dificuldade no acesso à educação no Brasil, além das problemáticas envolvendo o acesso de jovens-alunos ao mercado de trabalho. Na Geografia, buscamos compreender a importância da educação geográfica nas escolas, além de contextualizar sobre os debates que dizem respeito a Geografia escolar e Geografia acadêmica.

Além disso, abordamos a importância da existência dos PVPs nesse contexto no qual a média salarial é menor entre os jovens do que entre os adultos, afinal, sem a alternativa de PVPs, os alunos oriundos de escola pública teriam mais dificuldades ainda na competição com jovens-alunos provenientes de instituições privadas. Constatamos que, hoje, o desemprego entre jovens ultrapassa os 20% e que os jovens recém-empregados têm a menor média salarial entre os pesquisados — entre R\$1.387,84 e R\$1.680,79.

A caracterização básica da pesquisa foi quantitativo-qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a aplicação do questionário, e a natureza foi básica e aplicada, uma vez que ela gerou conhecimentos e, ao mesmo tempo, saberes que possam ser utilizados de maneira prática. Os objetivos da pesquisa foram exploratórios e descritivos, através do estudo de caso no referencial teórico e da aplicação de questionário para descrever os saberes dos jovens-alunos sobre os temas abordados e também descrever e desenvolver acerca do que foi comentado por eles. O cenário da pesquisa foram dois PVPs da RMPA, nos quais as aulas são realizadas no turno da noite e estão matriculados, em média, 15 jovens-alunos. Os sujeitos da pesquisa foram jovens de 18 à 29 anos, e todos os cuidados éticos para a pesquisa em ciências humanas foram promovidos.

Acerca dos resultados, começando pelos jovens-alunos participantes, foram sete respondentes, todos na faixa-etária alvo da pesquisa (entre 18 e 29 anos). Entre os que responderam o questionário, um tem 18 anos, três têm 19 anos, dois têm 21 anos e um tem 28 anos. Ao todo, foram quatro mulheres respondentes, dois homens e uma pessoa não-binária, todos sem filhos. Dos participantes, cinco trabalham e dois não, considerando-se, assim, desempregados. Também abordamos o conceito de tempo livre, uma vez que cada um deles comentou sobre questões completamente diferentes nesse tópico da conversa.

Na parte do questionário em que indagamos sobre juventudes, foram cinco perguntas, havendo alguns pontos centrais: o conceito de “se considerar jovem” é diferente para cada jovem-aluno respondente. Enquanto alguns falaram sobre idade, outros falaram sobre sentimento, outros negaram ser jovens, por conta das responsabilidades que os cercam. Além disso, a grande maioria dos jovens-alunos concorda com a afirmação de que a maioria dos jovens encontra dificuldades financeiras, da mesma forma que eles concordam que a maioria dos jovens têm dificuldade no acesso à educação e ao trabalho. Em outra afirmação, a maioria concordou que os jovens encontram dificuldades em questões emocionais, evidenciando a sobrecarga emocional gerada pelas questões destacadas anteriormente.

Quando falamos sobre educação popular, os jovens-alunos demonstraram conhecimento da temática quando indagados sobre o que é educação nessa perspectiva. Identificaram-na com movimentos políticos, rede de apoio social e citaram que entendiam como uma oportunidade, principalmente depois de questionados sobre o que o curso popular representava na vida deles. Citaram não apenas oportunidades, mas também questões como “grande ajuda” e “parte de um futuro”. Além disso, eles assinalaram que concordam, na grande maioria, com a afirmação de que cursos populares promovem mudanças sociais, e citaram que participam do curso, na sua grande maioria, pela questão financeira e pelo horário.

Sobre jovens e o ensino de Geografia, os respondentes afirmaram que entendem a Geografia enquanto ciência que estuda aspectos físicos, majoritariamente. Além disso, concordaram que a Geografia contribui para melhor compreensão da sociedade e, quando questionados sobre quais aulas de Geografia mais gostaram no cursinho, afirmaram apenas conteúdos do aspecto físico. Todos concordaram, também, que a Geografia aplicada na escola é diferente da aplicada no cursinho, e, sobre isso, abordamos as questões referentes à Geografia Tradicional. Para abordar a Geografia Crítica, questionamos sobre a importância da Geografia em guerras e questões sociais, momento em que todos concordaram que ela é importante. Importante ressaltar que em duas questões três alunos não responderam por ainda não terem participado das aulas de Geografia nos PVPs.

As principais dificuldades da pesquisa foram, primeiramente, a adesão dos alunos ao questionário. Foram quatro respondentes em um PVP e três respondentes em outro PVP. Foi difícil, também, encontrar tempo para a conclusão da pesquisa. Foram diversos finais de semana e noites, nos quais não fiz nada além de observar, escrever, ler e aplicar esta pesquisa. E valeu muito a pena!

Poucas coisas nos fazem aprender mais do que a elaboração de uma pesquisa. Foram diversos os aprendizados, desde questões teóricas até questões práticas, como normas da ABNT, cuidados éticos e afins. Foi uma experiência maravilhosa e que me fez aprender muito enquanto acadêmico, enquanto jovem, enquanto professor e enquanto profissional de cursinhos populares. Confesso que não foi fácil trabalhar mais de 40h semanais e fazer o TCC simultaneamente, mas valeu muito a pena e, se eu pudesse, faria de novo.

Chegamos, portanto, ao fim do trabalho. Foi um enorme prazer e privilégio desenvolver esta pesquisa e tenho certeza de que ela poderá ser de muita utilidade para a comunidade acadêmica e para futuros alunos que façam suas respectivas pesquisas sobre as temáticas abordadas. Sou eternamente grato por tudo que fiz e vivi, e tenho certeza de que, em um futuro breve, voltarei a pesquisar, cada vez mais, sobre esses temas. Encerro, mais uma vez, agradecendo a todos e todas que me auxiliaram na pesquisa e que me deram força para continuar escrevendo. Obrigado.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Vitor. 90% das mulheres com filhos deixam de estudar (IBGE, 2014).

Agência **Brasil.** 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/dados-do-ibge-indicam-que-10%25-das-mulheres-jovens-com%20filhos-continuam-estudando#:~:text=Apenas%20uma%20em%20cada%20dez.sem%20terminar%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica> . Acesso em: 07 ago. de 2023.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. UBERIZAÇÃO E JUVENTUDE PERIFÉRICA: Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. **Novos estud. CEBRAP** **39 (3)** . Sep-Dec 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/s01013300202000030008> . Acesso em: 31 jul. de 2023.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 Set/Out/Nov/Dez. 1997 Nº 6.** Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf . Acesso em: 17 jun. 2023.

AGUIAR, Gregory Cramer. Pré-vestibulares populares em Porto Alegre : interface entre luta antirracista e educação popular. Orientador: Alexandre Virgínio Silva. **TCC (Graduação) UFRGS. 80 f. 2021.**, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/234227> . Acesso em: 08 jul. 2023.

AGUIAR, Marcio Miguel de; SHINOBU, Patrícia Fernandes Paula. SALVI, Rosana Figueiredo; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.) TONINI, Ivaine Maria. (Org.) KAERCHER, Nestor André. (Org.) COSTELLA, Roselane Zordan. (Org.) Movimentos para ensinar geografia - oscilações. Para uma apropriação geográfica da sala de aula: espacialidades e poder. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/149136> Acesso em: 08 jul. 2023.

ARAÚJO, Francisco Ferreira de. O Caráter de educação popular no núcleo de Geografia do PEAC vivenciado na retomada das aulas presenciais. Orientadora: Larissa Corrêa Firmino. **TCC (Graduação) UFRGS. 52 f. 2023.** Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/258003> . Acesso em: 08 jul. 2023.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. **Lisboa: Edições 70, 1977.** Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN L. 1977. Analse de conteudo. Lisboa edicoes 70 225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf) . Acesso em: 08 jul. 2023.

BIAGOLINI, Carlos H.: Começando Bem – Frases e Pensamentos para iniciar aula, reunião, encontro ou dinâmica de grupo, vol. IV - **Pedagogia. São Paulo: Clube de Autores, 2013.** Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Come%C3%A7ando_Bem_Frases_E_Pensamentos.html?id=EM1xDwAAQBAJ&redir_esc=y Acesso em: 07 ago. de 2023.

BRASIL. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro do 1º trimestre de 2023.** Brasil: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=36938> Acesso em: 30 jul. de 2023

BRASIL. Lei nº 9.306, de 5 de agosto de 2013: **Institui o Estatuto da Juventude. Presidência da República Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 5 ago. 2013.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm . Acesso em: 17 jun. 2023.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016.** Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> , Acesso em: 08 jul. 2023.

CACETE, Núria Hanglei. FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: SOBRE PRÁTICAS DE ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO. Revista da Casa da

Geografia de Sobral (RCGS), [S. l.], v. 17, n. 2, p. 3–11, 2015. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/240> . Acesso em: 7 ago. 2023.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Cruz, Natália Harue. INSTRUMENTO DE AUTOAVALIAÇÃO PARA ESTUDANTES DE CURSINHOS POPULARES: A EVASÃO COMO PROBLEMÁTICA. **Cadernos CIMEAC – v. 10, n. 2, 2020. ISSN 2178-9770 UFTM | Uberaba – MG**, Brasil. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/cimeac.v10i2.3851> . Acesso em: 31 jul. de 2023.

CALLAI, Helena Copetti. A geografia escolar – e os conteúdos da geografia. *Anekumene*, 1(1), 128–139. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17227/Anekumene.2011.num1.7097> Acesso em: 07 ago. de 2023

CÂMARA, Rosana Hoffmann. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul -dez, 2013,179-191. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf> . Acesso em 08 jul. 2023.

CARVALHO, Márcio de. A educação popular como princípio dos cursinhos populares. **Cardenos CMEAC, UFFV. 2013**. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/cimeac.v3i2.1452> . Acesso em: 17 jun. 2023.

CASSAB, Clarice. MENDES, Juliana Thimóteo Nazareno. “Perder-se também é caminho”: A dimensão espacial da juventude. v. 11 n. 2 (2011): (ago. dez. 2011): *Revista Libertas*. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/libertas/article/view/18127> Acesso em: 07 ago. de 2023.

CASTRO, Clóves Alexandre de. Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil. 110 f. : il. +. **Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia**, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/89799> Acesso em: 20 jun. 2023

Conheça o Brasil - População Educação. **Educa IBGE**. 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>
Acesso em: 07 ago. de 2023.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**. 2013. Disponível em: Acesso em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772013000100003> . Acesso em: 28 jul. 2023.

DAYRELL, Juarez. A ESCOLA “FAZ” AS JUVENTUDES? REFLEXÕES EM TORNO DA SOCIALIZAÇÃO JUVENIL. **Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128.** 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 17 jun. 2023.

D’AVILA, Geruza Tavares. O ENSINO SUPERIOR COMO PROJETO PROFISSIONAL PARA “SER ALGUÉM”: repercussões de um cursinho pré-vestibular popular na vida dos estudantes. **Dissertação UFSC**. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88784/236138.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 04 ago. de 2023.

ENGELS, Frederich, MARX, Karl. Manifesto do Partido Comunista (1848). In: **Marx-Engels: Textos. v. 3. São Paulo: Edições Sociais, 1982.** pp 13-47. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2545967/mod_resource/content/1/MARX%3B%20ENGELS.%20Manifesto%20Comunista.pdf Acesso em: 20 jun. 2023.

FERNANDES, Daniela; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.); PIMENTA, Melissa de Mattos(Org.). JUVENTUDES E TERRITÓRIOS - Gênero e Juventudes - **GEPJUVE/UFRGS**. 2023. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/256981/001166652.pdf?sequence=1> Acesso em: 10 jul. de 2023.

FERREIRA, Maria Inês Caetano; POMPONET, André Silva. Escolaridade e trabalho: juventude e desigualdades. **Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v. 50, n. 3, nov. 2019/fev. 2020, p. 267–302.** 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36517/rscs.50.3.d09> Acesso em: 31 jul. de 2023.

FERREIRA, Samuel Crissandro Tavares. E se a cidade fosse nossa: A Educação Popular contribui na emancipação das juventudes na cidade?. 2018. 278 f. **Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação, FURG, Rio Grande, 2018.** Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000012524.pdf> Acesso em: 04 ago. de 2023.

FERREIRA, Wallace. BOURDIEU E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÃO CRÍTICA PARA PENSAR AS DESIGUALDADES SOCIOEDUCACIONAIS NO BRASIL. **e-Mosaicos -Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) V. 2 - N. 3.** Junho 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2013.8846> . Acesso em: 20 jun. 2023.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. Que fazer: teoria e prática em educação popular. **Petrópolis: Vozes.** 2001. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1405> . Acesso em: 04 jul. de 2023.

FREIRE, Paulo. Política e educação. **São Paulo: Villa das Letras,** 2007. Disponível em: http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/politica_educacao.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023

GARCIA, Alexandre. Só maiores de 30 anos têm salário inicial acima da média nacional. **Portal R7.** 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/economia/so-maiores-de-30-anos-tem-salario-inicial-acima-da-media-nacional-29062022> Acesso em: 30 jul. de 2023

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. **4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.** Acesso em: 08 jul. 2023.

GÜNTHER, Hartmut. Como Elaborar um Questionário: (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, Nº 01). **Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.** 2003. Disponível em: <https://www.psiambiental.net/pdf/01Questionario.pdf> . Acesso em: 08 jul. 2023.

LACOSTE, Yves. A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra. **Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papyrus, 1988.** Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%20C1FICO%202017/3-Geografia\(Yves Lacoste\).pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%20C1FICO%202017/3-Geografia(Yves Lacoste).pdf) Acesso em: 04 ago. de 2023

MARTINS, Manoela Pagotto. TEMPO LIVRE DA JUVENTUDE DE CLASSE POPULAR: DESATANDO PRECONCEITOS E PROMOVENDO PERSPECTIVAS POSITIVAS. **Dissertação UFES.** 2013. Disponível em <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1587/1/Manoela-Pagotto-Martins-2013-trabalho.pdf> . Acesso em: 29 jul. 2023.

Mulheres brasileiras na educação e no trabalho. **Educa IBGE.** 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html> . Acesso em: 28 jul. 2023.

MOROSINI, Marília Costa. Fernandes, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito, 5(2), 154–164. 2014.** Disponível em: <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.18875> . Acesso em: 08 jul. 2023.

MORAES, Antonio Carlos Robert, Costa, Wanderley Messias. A Geografia e o processo de valorização do espaço. In SANTOS, Milton. (Org.): **Novos Rumos da Geografia Brasileira. 1ª ed.** São Paulo: Hucitec, 1982.

MUNHÓZ, Victória Tolledo. Práticas afirmativas na educação popular : uma reflexão a partir das experiências do pré-vestibular Esperança Popular Restinga. Orientador: José Antônio dos Santos. **TCC (Graduação) UFRGS. 59 f. 2021.** Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/234218> . Acesso em: 08 jul. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das Juventudes. Porto Alegre: **Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação.** 2023. DOI 10.29327/5197865. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/geografias-das-juventudes-1978655> Acesso em: 17 jun. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de universidades federais brasileiras (2010 – 2019). **Revista Educar Mais**, v. 5. n. 2, pp. 358–372, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.5.2021.2279> . Acesso em: 17 jun. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Mirian Pires Corrêa; Novaes, Regina Célia Reyes. JUVENTUDES, EDUCAÇÃO, POLÍTICA E VIOLÊNCIA: UMA ENTREVISTA COM REGINA NOVAES. **Educar em Revista, Curitiba**, v. 37. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/71209/44554> . Acesso em: 17 jun. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; Pimenta, Melissa de Mattos. Juventudes e Territórios. **Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS.** 2023. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/256981/001166652.pdf?sequence=1> . Acesso em: 17 jun. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Somos jovens : o ensino de geografia E a escuta das juventudes. 2015. **Dissertação.** Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/128887> . Acesso em: 07 ago. de 2023.

PAIS, José Machado. Lacerda, Miriam Pires Corrêa. Oliveira, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em

Educação - uma entrevista com José Machado Pais. **Educ rev [Internet]. 2017Apr;(64):301–13**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.50119>
Acesso em: 30 jul. de 2023

PEREIRA, Thiago Ingrassia. Pré-vestibulares populares em Porto Alegre : na fronteira entre o público e o privado. **Dissertação UFRGS**. 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/10863> Acesso em: 20 jun. 2023.

PEREIRA, Thiago Ingrassia; RAIZER, Leandro, Meirelles, Mauro. A luta pela democratização do ensino superior. **Revista Espaço Pedagógico, [S. l.], v. 17, n. 1, 2012**. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.2013.2029> Acesso em: 20 jun. 2023.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Relações de poder e controle social em áreas de grande exposição à violência. **Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 15, n. 1, p. 84- 104, 27 abr. 2015**. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16934> Acesso em: 10 jun. 2023

PIMENTA, Melissa de Mattos “SER JOVEM” E “SER ADULTO”: IDENTIDADES, REPRESENTAÇÕES E TRAJETÓRIAS. **Tese de Doutorado p. 130**. 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-15052007-111215/publico/SerJovemeSerAdulto.pdf> . Acesso em: 29 jul. 2023.

RIBEIRO, Taynaã. Identidade docente e prática profissional. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 1–20, 2021**. DOI: 10.21680/2446-5674.2021v8n15ID23582. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/23582> . Acesso em: 4 ago. 2023.

SALLAS, Ana Luísa Fayet; MEUCCI, Simone. “O melhor medo da minha vida” - emoções nas ocupações estudantis. **Linhas Críticas, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v. 27 (2021), e-ISSN 1981-0431, pp. 1-19**. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc27202136528> . Acesso em: 31 jul. 2023

Salário: Jovem Aprendiz (Julho de 2023). Glassdoor. 2023. Disponível em: https://www.glassdoor.com.br/Sal%C3%A1rios/jovem-aprendiz-sal%C3%A1rio-SRCH_KO0,14.htm#:~:text=Sal%C3%A1rios%20do%20cargo%20de%20Jovem%20Aprendiz%20%E2%80%93%20Brasil&text=A%20m%C3%A9dia%20salarial%20de%20Jovem,%24%20245%20e%20R%24%203.575 . Acesso em: 08 jul. 2023.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. **São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.** Disponível em: <https://www.edusp.com.br/livros/por-uma-geografia-nova/> Acesso em: 04 ago. de 2023

SEVERO, Ricardo Gonçalves. GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES BRASIL 2022: POLÍTICA, IDEOLOGIA E JUVENTUDE. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). **GEPJUVE/UFRGS.** 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/256855> . Acesso em: 07 ago. de 2023

SERRANO, Marianna Di Giovanna Pinheiro. Cursinhos populares no Brasil: experiência e educação popular na perspectiva da luta de classes. **Tese - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. 2020.** Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/130905> Acesso em: 16 de jul. de 2023

VIEIRA, Ricardo Germann. **EDUCAÇÃO POPULAR: Escola pública, democrática e popular.** 2019. Orientadora: Rosimeire Martins Régis dos Santos. TCC (Graduação), Universidade Católica Dom Bosco. 32 f. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4770398J7> Acesso em: 20 jun. 2023.

APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO

Prezada/o jovem:

Chamo-me Bruno Gaspareto e sou estudante de Graduação em Geografia na UFRGS. Você está sendo convidado a participar da minha pesquisa. Gostaria muito de sua ajuda, respondendo o presente questionário. Sua colaboração é muito importante!

Ao responder este questionário, você está colaborando com o avanço da pesquisa no Brasil e abrindo possibilidades para novas maneiras de pensar a juventude. Igualmente, ao responder esse questionário, concorda que suas respostas sejam utilizadas para fins desta pesquisa.

1. Qual a sua idade?

_____.

2. Qual é o seu gênero?

() Masculino

() Feminino

() Não-binário

() Outro (Qual?) _____.

3. Você tem filhos?

() Sim, tenho __ filhos.

() Não.

4. Você trabalha?

() Sim

() Não

Com o quê?

5. O que você faz em seu tempo livre?

EIXO 1: Juventude

1. Para você, o que é ser jovem?

2. Você se considera jovem? Por que?

3. Qual o seu grau de concordância em relação à seguinte afirmação: “A maioria das/os jovens encontra dificuldades em questões financeiras”:

- a) concordo plenamente
- b) concordo parcialmente
- c) nem concordo, nem discordo
- d) discordo parcialmente
- e) discordo plenamente

4. Qual o seu grau de concordância em relação à seguinte afirmação: “A maioria das/os jovens encontra dificuldades em questões emocionais”:

- a) concordo plenamente
- b) concordo parcialmente
- c) nem concordo, nem discordo
- d) discordo parcialmente
- e) discordo plenamente

5. Qual o seu grau de concordância em relação à seguinte afirmação: “A maioria das/os jovens encontra dificuldades em questões de acesso à educação e/ou ao trabalho”:

- a) concordo plenamente
- b) concordo parcialmente
- c) nem concordo, nem discordo
- d) discordo parcialmente
- e) discordo plenamente

EIXO 2: Educação popular

1. Para você, o que é educação popular?

2. O que o curso popular que você participa representa em sua vida?

3. Qual o seu grau de concordância em relação à seguinte afirmação: “Iniciativas como a de um cursinho gratuito promovem importantes mudanças sociais”:

- a) concordo plenamente
- b) concordo parcialmente
- c) nem concordo, nem discordo
- d) discordo parcialmente
- e) discordo plenamente

4. Cite os três principais fatores que fizeram você escolher participar de um curso popular?

5. Qual palavra resumiria o trabalho de seus professores/as nesse curso pré-vestibular?

EIXO 3: Geografia

1. Para você, o que é Geografia?

2. Qual o seu grau de concordância em relação à seguinte afirmação: “A Geografia contribui para uma melhor compreensão da sociedade”:

- a) concordo plenamente
- b) concordo parcialmente
- c) nem concordo, nem discordo
- d) discordo parcialmente
- e) discordo plenamente

3. Que aula de Geografia no Cursinho foi mais interessante? Descreva-a resumidamente.

4. Você percebe diferenças entre o ensino de Geografia que teve em sua escola e do ensino de Geografia que está tendo no cursinho? Por que?

5. A Geografia é uma disciplina importante para entender questões globais, como o motivo das guerras e as desigualdades sociais. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

APÊNDICE B — Termos de Anuência para a realização de Pesquisa Científica



Termo de Anuência para a realização de Pesquisa Científica

Prezada/o Coordenador/a do [REDACTED]

Eu, Bruno Gaspareto Silva, estou fazendo uma pesquisa que tem por objetivo analisar a percepção de alunos de Cursinhos Pré-Vestibular Populares acerca da Geografia, da Educação Popular e do conceito de Juventude. Estou fazendo um convite para os jovens de sua instituição participarem como voluntários/as nesse estudo.

O objetivo principal deste estudo é analisar a percepção de jovens de cursinhos pré-vestibulares populares da RMPA sobre juventude, a educação popular e o ensino da Geografia. O estudo adquire importância ao permitir que os dados possam não somente ser analisados tendo por base suas aproximações com estudos já realizados no campo da/s juventude/s, bem como revelar características específicas que podem contribuir para a qualificação do estudo e à produção de conhecimento científico, permitindo que os cursinhos populares possam aprimorar seu planejamento pedagógico em favor do/a aluno/a. O estudo será desenvolvido por meio de pesquisa quanti-qualitativa, cuja coleta de dados somente ocorrerá com os/a alunos/a que tenham assinado o Termo de Consentimento.

1. Os (as) alunos/a serão convidados/a a preencher um questionário, contendo 15 (quinze) questões, com duração de 10 a 20min, individualmente, e que será disponibilizado pelo pesquisador presente no cursinho popular onde o/a estudante está matriculado/a.

A participação dos jovens neste estudo será voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Os Termos de Consentimento assinados serão recolhidos pelo pesquisador que manterá a identidade no mais rigoroso sigilo, sendo também omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a na produção e publicação dos dados, para garantir que os riscos de identificação ou eventual desconforto na sua participação sejam mínimos. Eles terão o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da participação no estudo. Ao participar esses jovens estarão contribuindo para a produção de conhecimento sobre os jovens estudantes e para a possibilidade de construção de novas práticas pedagógicas dos cursinhos junto aos alunos.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos direitos de participante desta pesquisa, entre em contato com o orientador da pesquisa, Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira, que estará disponível pelo telefone (51) 33086335 ou e-mail: victor.nedel@ufrgs.br.

Ao assinar este termo de anuência, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de anuência a menos que tenham tido a oportunidade de fazer perguntas e tenham recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em que sua instituição participe deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de anuência. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

O/A Coordenador/a do Curso [REDACTED] uso de suas atribuições e poderes a ele conferidos, autoriza a realização da pesquisa no curso no qual é responsável e declara ter recebido as informações de forma clara e detalhada a respeito dos objetivos e da forma como os estudantes participarão desta investigação, sem ser coagido a responder eventuais questões consideradas de menor importância ou constrangedoras. A instituição apresenta a ciência de que, a qualquer momento, poderá não apenas buscar esclarecer as dúvidas que tiver em relação aos procedimentos metodológicos, assim como usar da liberdade de deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer dificuldade. A assinatura do representante autorizado da instituição neste Termo de Consentimento autoriza o pesquisador a utilizar e divulgar os dados obtidos, sempre preservando a confidencialidade dos dados coletados, quando solicitada pela instituição, e das pessoas citadas/referenciadas na pesquisa.

Declaramos que recebemos uma cópia do presente Termo de anuência para a realização de pesquisa científica e acadêmica e que este foi suficientemente esclarecido pelo pesquisador.

Porto Alegre, 18 de JULHO de 2023.

Bruno Gaspareto Silva [Assinatura]

Nome e assinatura do pesquisador

Autorizo a realização deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e Assinatura Representante Institucional:

Data [REDACTED]

Termo de Anuência para a realização de Pesquisa Científica

Prezada/o Coordenador/a de _____

Eu, Bruno Gaspareto Silva, estou fazendo uma pesquisa que tem por objetivo analisar a percepção de alunos de Cursinhos Pré-Vestibular Populares acerca da Geografia, da Educação Popular e do conceito de Juventude. Estou fazendo um convite para os jovens de sua instituição participarem como voluntários/as nesse estudo.

O objetivo principal deste estudo é analisar a percepção de jovens de cursinhos pré-vestibulares populares da RMPA sobre juventude, a educação popular e o ensino da Geografia. O estudo adquire importância ao permitir que os dados possam não somente ser analisados tendo por base suas aproximações com estudos já realizados no campo da/s juventude/s, bem como revelar características específicas que podem contribuir para a qualificação do estudo e à produção de conhecimento científico, permitindo que os cursinhos populares possam aprimorar seu planejamento pedagógico em favor do/a aluno/a. O estudo será desenvolvido por meio de pesquisa quanti-qualitativa, cuja coleta de dados somente ocorrerá com os/a alunos/a que tenham assinado o Termo de Consentimento.

1. Os (as) alunos/a serão convidados/a a preencher um questionário, contendo 15 (quinze) questões, com duração de 10 a 20min, individualmente, e que será disponibilizado pelo pesquisador presente no cursinho popular onde o/a estudante está matriculado/a.

A participação dos jovens neste estudo será voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Os Termos de Consentimento assinados serão recolhidos pelo pesquisador que manterá a identidade no mais rigoroso sigilo, sendo também omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a na produção e publicação dos dados, para garantir que os riscos de identificação ou eventual desconforto na sua participação sejam mínimos. Eles terão o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da participação no estudo. Ao participar esses jovens estarão contribuindo para a produção de conhecimento sobre os jovens estudantes e para a possibilidade de construção de novas práticas pedagógicas dos cursinhos junto aos alunos.


Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos direitos de participante desta pesquisa, entre em contato com o orientador da pesquisa, Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira, que estará disponível pelo telefone (51) 33086335 ou e-mail: victor.nedel@ufrgs.br.

Ao assinar este termo de anuência, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de anuência a menos que tenham tido a oportunidade de fazer perguntas e tenham recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em que sua instituição participe deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de anuência. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

O/A Coordenador/a do Curso: Helena B. M. Mendes _____ no uso de suas atribuições e poderes a ele conferidos, autoriza a realização da pesquisa no curso no qual é responsável e declara ter recebido as informações de forma clara e detalhada a respeito dos objetivos e da forma como os estudantes participarão desta investigação, sem ser coagido a responder eventuais questões consideradas de menor importância ou constrangedoras. A instituição apresenta a ciência de que, a qualquer momento, poderá não apenas buscar esclarecer as dúvidas que tiver em relação aos procedimentos metodológicos, assim como usar da liberdade de deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer dificuldade. A assinatura do representante autorizado da instituição neste Termo de Consentimento autoriza o pesquisador a utilizar e divulgar os dados obtidos, sempre preservando a confidencialidade dos dados coletados, quando solicitada pela instituição, e das pessoas citadas/referenciadas na pesquisa.

Declaramos que recebemos uma cópia do presente Termo de anuência para a realização de pesquisa científica e acadêmica e que este foi suficientemente esclarecido pelo pesquisador.

Porto Alegre, 12 de Julho de 2023.

Bruno Gaspareto Silva 
Nome e assinatura do pesquisador

Autorizada em representação deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Helena B. M. Mendes _____

Nome e Assinatura Representante Institucional:

Data: 12/07/2023

APÊNDICE C — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Prezado Jovem,

Eu, Bruno Gaspareto Silva, estou fazendo uma pesquisa que tem por objetivo analisar a percepção de alunos de Cursinhos Pré-Vestibular Populares acerca da Geografia, da Educação Popular e do conceito de Juventude. Estou fazendo um convite para você participar como voluntário/a nesse estudo.

O objetivo principal deste estudo é analisar a percepção de jovens de cursinhos pré-vestibulares populares da RMPA sobre juventude, a educação popular e o ensino da Geografia. O estudo adquire importância ao permitir que os dados possam não somente ser analisados tendo por base suas aproximações com estudos já realizados no campo da/s juventude/s, bem como revelar características específicas que podem contribuir para a qualificação do estudo e à produção de conhecimento científico, permitindo que os cursinhos populares possam aprimorar seu planejamento pedagógico em favor do/a aluno/a. O estudo será desenvolvido por meio de pesquisa quanti-qualitativa, cuja coleta de dados somente ocorrerá com os/a alunos/a que tenham assinado o Termo de Consentimento.

1. Os (as) alunos/a serão convidados/a a preencher um questionário, contendo 15 (quinze) questões, com duração de 10 a 20min, individualmente, e que será disponibilizado pelo pesquisador presente no cursinho popular onde o/a estudante está matriculado/a.

A sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Os Termos de Consentimento assinados serão recolhidos pelo pesquisador que manterá a sua identidade no mais rigoroso sigilo, sendo também omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a na produção e publicação dos dados, para garantir que os riscos de identificação ou eventual desconforto na sua participação sejam mínimos. Você tem o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da sua participação no estudo. Ao participar você estará contribuindo para a produção de conhecimento sobre os jovens estudantes e para a possibilidade de construção de novas práticas pedagógicas dos cursinhos junto aos alunos.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos direitos de participante desta pesquisa, entre em contato com o orientador da pesquisa, Prof. Dr. Víctor Hugo Nedel Oliveira, que estará disponível pelo telefone (51) 33086335 ou e-mail: victor.nedel@ufrgs.br.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenham tido a oportunidade de fazer perguntas e tenham recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também de que eu, mesmo após minha autorização, posso, no momento de seu assentimento na aplicação do questionário, optar por não participar da pesquisa deixando de respondê-lo.

Declaro, ainda, que fui informado dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos a que eu serei submetido/a, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expressei minha concordância de espontânea vontade em autorizar a minha participação neste estudo.

Nome do participante _____

Assinatura do participante _____ Contatos: () _____ () _____

E-mail: _____

Data: __/__/__